

*Tradução de Fernanda Semedo*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

# nora Roberts

Um Mar  
de Rosas



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*Para as amigas*



E é minha crença que cada flor  
Desfruta do ar por ela sorvido.  
WORDSWORTH

O amor é a amizade exaltada.  
BRUCE LEE



## PRÓLOGO



O romance, pensava Emmaline, tornava especial o facto de se ser mulher. O romance tornava todas as mulheres bonitas e transformava todos os homens em príncipes. Com romance na sua vida, uma mulher vivia com a grandeza de uma rainha, porque o seu coração era apreciado.

Flores, luz de velas, longos passeios ao luar num jardim solitário... a simples ideia provocava-lhe um suspiro. Porém, *dançar* ao luar num jardim solitário era, na sua escala, o cúmulo do romance.

Conseguia imaginar a cena, o aroma das rosas estivais, a música fluindo pelas janelas abertas de um salão de baile, a luz prateando todas as arestas, como nos filmes. Imaginava até a maneira como o seu coração bateria (como batia agora, só de imaginar).

Emma ansiava por dançar ao luar num jardim solitário.

Tinha onze anos.

Conseguia ver tão claramente como devia acontecer — como *aconteceria* —, que descreveu a cena, com todos os pormenores, às suas melhores amigas.

Quando faziam festas do pijama, conversavam durante horas acerca de tudo, ouviam música ou viam filmes. Podiam ficar acordadas até à hora que quisessem, até mesmo toda a noite. No entanto, nenhuma delas o conseguira. Ainda.

Quando a festa do pijama era em casa de Parker e o tempo estava bom, podiam brincar no terraço do quarto dela até à meia-noite. Na primavera, a sua estação preferida, adorava ficar no terraço do quarto, sentindo

o cheiro dos jardins da propriedade dos Brown e o aroma da relva, se o jardineiro a tivesse cortado nesse dia.

A senhora Grady, a governanta, levava-lhes bolachinhas e leite. Às vezes, comiam *cupcakes*. E a senhora Brown aparecia de vez em quando, para ver o que andavam a fazer.

Porém, a maior parte do tempo, estavam só as quatro.

— Quando for uma mulher de negócios cheia de sucesso, a viver em Nova Iorque, não terei tempo para romances. — Laurel, com o cabelo loiro manchado de verde após um tratamento com um pó para preparar uma bebida de lima, desenvolvia o seu sentido da moda no cabelo vermelho-vivo de Mackensie.

— Mas *tens* de ter romance — insistiu Emma.

— *Uh-uh*. — Mordendo a língua com os dentes, Laurel, incansavelmente, fazia mais uma trança longa e fina no cabelo de Mac. — Vou ser como a minha tia Jennifer. Ela explica sempre à minha mãe que não tem tempo para o casamento, que não precisa de um homem para se sentir completa e essas coisas. Vive no Upper East Side e frequenta as mesmas festas que a Madonna. O meu pai diz que ela é uma tirana com os homens. Então, serei uma tirana com os homens e irei a festas com a Madonna.

— Como se fosse possível — desdenhou Mac. O puxão que Laurel lhe deu na trança apenas a fez rir. — Dançar é divertido e acho que o romance pode ser bom, desde que não te ponha estúpida. A minha mãe só pensa em romance. Ah, e em dinheiro. O problema dela é como arranjar romance e dinheiro ao mesmo tempo.

— Isso não é exatamente romance. — Mas Emma fez uma festa na perna de Mac ao dizê-lo. — Acho que o romance é quando fazemos coisas um pelo outro porque estamos apaixonados. Quem me dera que já tivéssemos idade para nos apaixonarmos. — Emma deu um grande suspiro. — Deve ser tão bom!

— Devíamos beijar um rapaz, para ver como é.

Toda a gente se deteve para olhar para Parker, que estava deitada na cama, de barriga para baixo, vendo as amigas a brincarem ao Salão de Cabeleireiro.

— Devíamos arranjar um rapaz e obrigá-lo a beijar-nos. Já temos quase doze anos. Temos de experimentar e ver se gostamos.

Laurel semicerrou os olhos.

— Como se fosse uma experiência?

— Mas, quem havemos de beijar? — interrogou-se Emma.

— Vamos fazer uma lista. — Parker rolou na cama para alcançar o seu caderno novo, que estava em cima da mesa de cabeceira e cuja capa



ostentava um par de sandálias cor-de-rosa. — Primeiro escrevemos o nome de todos os rapazes que conhecemos, e, depois, daqueles que achamos que seria bom beijar. E acrescentamos porquê, ou porque não.

— Não parece nada romântico.

Parker mostrou um sorrisinho a Emma.

— Temos de começar por qualquer lado, e as listas são sempre uma ajuda. Acho que não devemos usar pessoas de família. Como o Del, por exemplo — acrescentou, referindo-se ao irmão. — Nem os irmãos da Emma. Além disso, os irmãos da Emma já são muito velhos.

Abriu o caderno numa página em branco.

— Então...

— Às vezes eles enfiam a língua na nossa boca.

A declaração de Mac provocou guinchos, gracinhas e mais gargalhadas.

Parker deslizou para fora da cama e sentou-se no chão, ao lado de Emma.

— Muito bem. Depois de fazermos a lista principal, podemos dividi-la em colunas Sim e Não, e escolhemos da coluna do Sim. Se conseguirmos que o rapaz que escolhemos nos beije, temos de contar como foi. E se ele puser a língua na nossa boca, todas temos de saber como é.

— E se escolhermos um que não nos queira beijar?

— Emma? — Atando a última trança, Laurel abanou a cabeça. — Qualquer rapaz querará beijar-te, de certeza. És tão bonita, e falas com eles como se fossem normais. Algumas raparigas ficam completamente estúpidas quando estão perto de rapazes, mas tu não. Além disso, comesas a ter mamas.

— Os rapazes gostam de mamas — anunciou Mac sabiamente. — Seja como for, se ele não te quiser beijar, beija-lo tu. Não deve ser nada de especial.

Emma pensava que era, ou devia ser.

Escreveram a lista e fartaram-se de rir. Laurel e Mac imitaram a forma como alguns dos rapazes poderiam abordar o momento, o que as fez rolar pelo chão às gargalhadas até *Mr. Fish*, o gato, fugir do quarto para se enrolar na salinha de Parker.

Parker guardou o caderno quando a senhora Grady entrou com bolachas e leite. Depois, a ideia de brincar à «Girls Band» pô-las a vasculhar no roupeiro e nas cómodas de Parker até encontrarem as peças apropriadas para entrarem em palco.

Adormeceram no chão, ao lado da cama, umas enroladas, outras estendidas.

Emma acordou antes do nascer do Sol. O quarto estava escuro, a não

ser por uma lâmpada débil que ficava acesa de noite e pelo luar que se infiltrava pelas janelas.

Alguém a tapara com um cobertor leve e lhe metera uma almofada debaixo da cabeça. Havia sempre alguém que fazia isso quando tinham festas do pijama.

Atraída pelo luar e ainda meio a sonhar, atravessou as portas que davam para o terraço e saiu. O ar fresco, aromatizado pelas rosas, afagou-lhe as bochechas.

Olhou para os jardins bordejados de prata onde a primavera se manifestava em cores e formas suaves. Quase conseguia ouvir a música, quase se via a si mesma dançando entre as rosas e as azáleas, as peónias que ainda guardavam as suas pétalas e o seu perfume em bolas bem fechadas.

Quase conseguia ver a forma do seu companheiro, que a fazia rodopiar numa dança. Era uma valsa, pensou com um sorriso. Tinha de ser uma valsa, como num livro de histórias.

Aquilo era romance, pensou, fechando os olhos para inspirar o ar noturno.

Um dia, prometeu a si própria, saberia o que isso era.

## CAPÍTULO UM



Como tinha a memória atravancada de pormenores, muitos deles pouco nítidos, Emma consultou a agenda enquanto tomava a sua primeira chávena de café. As reuniões consecutivas davam-lhe quase tanta adrenalina como o café forte e doce. Desfrutando do momento, recostou-se na cadeira do seu escritório confortável para ler as notas que adicionara à margem de cada cliente.

Pela sua experiência, a personalidade do casal — ou muitas vezes, para ser mais exata, da noiva — ajudava-a a determinar o tom da reunião e a direção que seguiriam. Na maneira de ver de Emma, as flores eram o coração de um casamento. Fossem elegantes ou divertidas, elaboradas ou simples, as flores simbolizavam o romance.

A sua missão era proporcionar aos clientes todo o coração e todo o romance que estes quisessem ter.

Suspirou, espreguiçou-se, depois sorriu ao ver a jarra de rosinhas sobre a secretária. A primavera, pensou, era a melhor época do ano. A temporada de casamentos era movimentada — o que significava dias atarefados e noites longas a desenhar, arranjar, criar, não só para os casamentos *desta* primavera, mas também para os da próxima.

Apreciava tanto a continuidade quanto o próprio trabalho.

Fora o que a Votos lhe dera, assim como às suas três melhores amigas. Continuidade, trabalho recompensador e aquela sensação de realização pessoal. E podia brincar com flores, viver com flores, praticamente nadar num mar de flores todos os dias.

Examinou pensativamente as mãos, os pequenos arranhões e minúsculos cortes. Certos dias, pensava neles como cicatrizes de guerra, noutros, como medalhas de honra. Esta manhã apenas desejou ter-se lembrado de marcar uma manicura.

Viu as horas e fez cálculos. Novamente enérgica, saltou da cadeira. Passou pelo quarto, de onde trouxe um blusão escarlate, com capuz, para vestir por cima do pijama. Ainda tinha tempo de ir à casa principal antes de se vestir e de se preparar para o dia de trabalho. Na casa principal, a senhora Grady teria preparado o pequeno-almoço, o que lhe evitava o trabalho de procurar comida e cozinhar.

Enquanto descia as escadas a correr, pensou que a sua vida estava repleta de regalias maravilhosas.

Atravessou a sala que usava como receção e zona de reuniões e deu uma olhadela rápida em volta enquanto se dirigia para a porta. Mudaria algumas das flores em exposição antes da primeira reunião, mas não pôde deixar de reparar como os lírios-asiáticos tinham aberto de uma maneira linda.

Saiu da que fora outrora a casa de hóspedes da propriedade dos Brown, onde agora morava e dirigia o Centro de Mesa — o seu departamento na empresa Votos.

Inspirou profundamente o ar primaveril. E teve um arrepio.

Caramba, porque não podia estar mais calor? Já era abril, por amor de Deus. Era o tempo dos narcisos. E os amores-perfeitos que envasara estavam lindos! Recusou-se a permitir que uma manhã fria — como se não bastasse, começara a choviscar — lhe desse cabo da disposição.

Curvou-se dentro do capuz, enfiou no bolso a mão que não levava a chávena de café e iniciou o caminho para a casa principal.

Em torno dela, as coisas regressavam à vida. Quem olhasse com atenção suficiente poderia ver a promessa de verde nas árvores, indícios do que seriam delicados rebentos de cornizo e cerejeira. Aqueles narcisos queriam abrir, e o açafão já o fizera. Talvez ainda houvesse outro nevão de primavera, mas o pior já passara.

Em breve seria tempo de cavar a terra e de tirar algumas das suas belezas da estufa, para as pôr em exposição. Ela acrescentava os ramos, os festões e as grinaldas, mas nada como a Mãe Natureza para fornecer a melhor paisagem a um casamento.

E, na sua opinião, nada melhor que a propriedade Brown para a exhibir.

Os jardins, verdadeiras obras-primas mesmo nesta época, não tardariam a explodir em cores, rebentos, aromas, convidando as pessoas a passearem pelos seus caminhos sinuosos ou a sentarem-se num banco, relaxando, ao sol ou à sombra. Parker encarregara-a (pelo menos na medida em

que era capaz de delegar) de os supervisionar e todos os anos ela se divertia a plantar algo novo ou a dirigir a equipa paisagística.

Os terraços e pátios criavam maravilhosos espaços de vida ao ar livre, perfeitos para casamentos e outros eventos. Receções à beira da piscina ou no terraço, cerimónias sob o roseiral ou a pérgula, ou talvez lá em baixo, junto do lago, resguardadas pelo salgueiro.

*Temos tudo o que é necessário*, pensou.

E a própria casa? Podia existir algo mais gracioso, mais bonito? O maravilhoso azul-claro, aqueles toques quentes de amarelo e creme. As diferentes linhas do telhado, as janelas em arco, as varandas rendilhadas, tudo contribuía para o charme elegante da mansão. E, sem dúvida, o pórtico de entrada fora concebido para acumular vegetação luxuriosa ou cores e texturas elaboradas.

Quando era criança, via aquela propriedade como uma terra de fadas, com castelo e tudo.

Agora, era o seu lar.

Virou na direção da casa da piscina, onde vivia a sócia, Mac, e onde funcionava também o seu estúdio de fotografia. Já estava perto quando a porta se abriu. Emma sorriu e acenou ao homem de cabelo desgrenhado e casaco de *tweed* que saía.

— Bom-dia, Carter.

— Olá, Emma.

A família dela e a de Carter eram amigas desde que se lembrava. Agora, Carter Maguire, antigo professor de Yale e atualmente professor de Literatura Inglesa no liceu que tinham frequentado, estava noivo de uma das suas melhores amigas.

A vida não era apenas boa, pensou Emma. Era mesmo um verdadeiro mar de rosas.

Animada com a ideia, quase dançou até junto de Carter, fê-lo baixar-se puxando-lhe as lapelas e, em bicos de pés, beijou-o ruidosamente.

— Uau — disse ele, corando um pouco.

— Eh! — Mackensie, olhos ensonados e o cabelo ruivo a brilhar ao sol, estava encostada à ombreira da porta. — Estás a tentar engatar o meu homem?

— Se eu pudesse! Não duvides de que o roubaria, se não o tivesses embruxado.

— Bem... — Carter dirigiu a ambas um sorriso nervoso. — É uma bela maneira de começar o dia. A reunião de professores para onde vou agora não será tão agradável.

— Mete baixa. — Mac quase ronronou as palavras. — Eu dou-te uma coisa agradável.

— Ah! Bem, nem estou a ouvir. Adeus.  
Emma sorriu nas costas dele, que se apressava para o carro.  
— Caramba, ele é tão *giro!*  
— É mesmo.  
— E olha só para ti, Menina Feliz!  
— Menina Feliz e Noiva. Queres ver outra vez o meu anel?  
— *Ooooh* — exclamou Emma, porque tinha de exclamar, quando Mac abanou os dedos. — *Ahhh.*  
— Vais tomar o pequeno-almoço?  
— É esse o plano.  
— Espera. — Mac debruçou-se para dentro de casa e pegou num casaco antes de fechar a porta. — Ainda só tomei café, então...  
Quando começaram a caminhar lado a lado, Mac franziu o sobrolho.  
— Essa caneca é minha.  
— Queres que ta devolva agora?  
— Sei porque é que estou feliz numa manhã tão fria, e é pela mesma razão que não tive tempo para tomar o pequeno-almoço. Chama-se «Vamos partilhar o chuveiro».  
— A Menina Feliz também é uma Cabra Fanfarrona.  
— Com orgulho. E tu, porque estás tão satisfeita? Tiveste um homem em casa?  
— Infelizmente, não. Mas tenho cinco reuniões marcadas para hoje, o que é uma bela maneira de começar a semana e vem na sequência do maravilhoso remate da semana passada, que foi o casamento de ontem. Foi tão doce, não foi?  
— O nosso casal sexagenário a trocar votos e a celebrar, rodeado pelos filhos dele, os filhos dela, os netos... Não foi só doce, foi reconfortante. É a segunda vez para ambos e ali estavam eles, preparados para repetirem, desejando partilhar e misturar-se. Tirei algumas fotografias ótimas. E acho que aqueles miúdos malucos vão ser bem-sucedidos.  
— Por falar em miúdos malucos, temos mesmo de falar acerca das tuas flores. Dezembro pode vir longe — diz ela, a tremer — mas chega depressa, como bem sabes.  
— Ainda nem decidi como serão as fotografias de noivado. Não vi vestidos, nem pensei em cores.  
— Eu fico bem com tons de pedras preciosas — disse Emma batendo as pestanas.  
— Tu ficas bem de serapilheira, por falar em cabras fanfarronas. — Mac abriu a porta do vestíbulo e, como a senhora Grady já voltara das férias de inverno, lembrou-se de limpar os pés. — Assim que descobrir o vestido, trocamos ideias acerca do resto.

— És a primeira de nós a casar, a realizar o teu casamento aqui.

— Sim. Será interessante ver como conseguiremos dirigir o casamento e *estar* no casamento.

— Sabes que podes contar com a Parker para definir a logística. Se alguém conseguir que corra tudo sobre rodas, será ela.

Entraram na cozinha e deparou-se-lhes o caos. Enquanto a impávida Maureen Grady trabalhava ao fogão, com movimentos eficientes e expressão plácida, Parker e Laurel enfrentavam-se do outro lado da divisão.

— Tem de ser feito — insistia Parker.

— Tretas, tretas, tretas.

— Laurel, temos um negócio. E nos negócios, serves o cliente.

— Deixa-me dizer-te o que eu gostava de servir ao cliente.

— Para com isso. — Parker, com o rico cabelo castanho elegantemente apanhado num rabo de cavalo, já vestira um fato de reunião azul-escuro. Os seus olhos, quase da mesma cor, estavam quentes de impaciência. — Olha, organizei uma lista das escolhas dela, o número de convidados, as suas cores, as suas opções de flores. Nem sequer tens de falar com ela. Eu faço de intermediária.

— Deixa-me dizer-te o que podes fazer com a tua lista.

— A noiva...

— A noiva é uma cretina. A noiva é uma idiota, uma cabra resmungona e infantil que deixou bem claro há um ano que não precisava nem queria os meus serviços. A noiva pode bem morder-me, porque de certeza não morderá nenhum bolo meu, agora que compreendeu a sua própria estupidez.

Com as calças de pijama de algodão e a camisola com que dormira, o cabelo ainda eriçado do sono, Laurel atirou-se para uma cadeira no cantinho do pequeno-almoço.

— Tens de te acalmar. — Parker baixou-se para apanhar um dossiê do chão. Provavelmente, atirado por Laurel, cogitou Emma. — Tudo o que precisas está aqui. — Parker pousou o dossiê na mesa. — Já assegurei à noiva que trataremos de tudo, então...

— Então tu própria vais desenhar e cozer um bolo de noiva com quatro andares entre hoje e sábado, além do bolo para o noivo e uma série de sobremesas. Para servir duzentas pessoas. Fazes isso sem qualquer preparação prévia, quando tens mais três eventos durante o fim de semana e um evento ao serão daqui a três dias.

Com o rosto enrugado de fúria, Laurel pegou no dossiê e atirou-o novamente ao chão.

— Agora estás a comportar-te como uma criança.

— Muito bem. Sou uma criança.

— Meninas, as vossas amiguinhas chegaram para brincar — anunciou a senhora Grady com um tom muito doce e uma expressão divertida.

— Ah, estou a ouvir a minha mãe chamar-me — disse Emma, preparando-se para se escapulir da cozinha.

— Não, não sais daqui. — Laurel saltou da cadeira. — Ouve só esta! O casamento Folk-Harrigan. Sábado à noite. Deves lembrar-te de como a noiva torceu o nariz à ideia de a Açúcares, da Votos, fornecer o bolo ou qualquer sobremesa. Como desdenhou de mim e das minhas sugestões, e insistiu que fosse a prima dela, chefe de pastelaria em Nova Iorque, que estudou em Paris e desenhou bolos para ocasiões *importantes*, a tratar das sobremesas. Lembras-te do que me disse?

— Ah. — Emma mexeu-se nervosamente porque o dedo de Laurel apontava ao seu coração. — Não das palavras exatas.

— Bem, eu lembro-me. Disse que tinha a certeza, e disse-o com aquele sorriso desdenhoso, que eu serviria bastante bem para a *maioria* dos eventos mas, para o seu casamento, ela queria o *melhor*. Disse-mo na cara.

— O que foi falta de educação, sem dúvida.

— Ainda não acabei — prosseguiu Laurel entre dentes. — Agora, à última da hora, parece que a prima brilhante fugiu com um dos seus clientes. Grande escândalo, visto que o dito cliente conheceu a prima brilhante quando lhe encomendou o bolo para a *sua* festa de noivado. Estão ambos desaparecidos em combate e a noiva quer que eu entre em cena para lhe salvar o dia.

— Que é exatamente o que fazemos aqui. Laurel...

— Não te perguntei nada. — Apontou o dedo a Parker e virou-se para Emma e Mac. — Estou a perguntar-lhes a elas.

— Quê? Disseste alguma coisa? — Mac ofereceu-lhe um grande sorriso. — Desculpa, devo ter ficado com água nos ouvidos depois do duche. Não ouço nada.

— Cobarde. Emma?

— Ah...

— Pequeno-almoço. — A senhora Grady girou um dedo no ar. — Toda a gente sentada. Omeletes de claras de ovos com pão integral torrado. Sentem-se e comam.

— Não como enquanto...

— Vamos só sentar-nos. — Interrompendo a tirada seguinte de Laurel, Emma tentou um tom apaziguador. — Deem-me um minuto para pensar. Vamos todas sentar-nos e... Oh, senhora Grady, isto tem um aspeto fabuloso. — Pegou em dois pratos, usando-os como escudos enquanto atravessava a cozinha até ao cantinho do pequeno-almoço. — Recordemo-nos de que somos uma equipa — começou.



— Não és tu que estás a ser insultada e a ficar com excesso de trabalho.  
— Na verdade, até sou. A Whitney Folk é uma noiva monstruosa. Podia contar-te os meus pesadelos com ela, mas esta história fica para outro dia.

— Também tenho histórias — interrompeu Mac.

— Parece que a tua audição voltou — murmurou Laurel.

— Ela é mal-educada, exigente, mimada, difícil e desagradável — continuou Emma. — Normalmente, quando planeamos um evento, mesmo com os problemas que possam surgir e a esquisitice de alguns casais, gosto de pensar que estamos a ajudá-los a organizar um dia que é o primeiro da sua felicidade daí em diante. Em relação a estes? Ficarei muito surpreendida se aguentarem dois anos. Ela foi mal-educada contigo, e acho que não foi desdém, foi mesmo arrogância. Não gosto dela.

Obviamente satisfeita com o apoio, Laurel mandou o seu próprio sorriso arrogante a Parker e começou a comer.

— Dito isto, somos uma equipa. E os clientes, mesmo que sejam cabras arrogantes, têm de ser servidos. Estas são boas razões para o fazermos — disse Emma enquanto Laurel lhe lançava uma carranca. — Porém, há uma razão ainda melhor. Mostrarás àquele rabo mal-educado, arrogante e ossudo o que uma chefe de pastelaria verdadeiramente brilhante é capaz de fazer, e sob pressão.

— A Parker já tentou essa comigo.

— Oh. — Emma provou uma lasquinha mínima da sua omeleta. — Bem, é a verdade.

— Posso ganhar aos pontos à sua priminha ladra de homens.

— Sem dúvida. Pessoalmente, acho que ela devia ser humilhada, pelo menos um bocadinho.

— Gosto de humilhar — considerou Laurel. — E que me supliquem.

— Talvez consiga arranjar um pouco de ambas as coisas. — Parker ergueu o café. — Também a informei de que, para atender ao seu pedido em tão pouco tempo, vamos requerer uma taxa adicional. Acrescentei vinte e cinco por cento. Ela agarrou-se a isso como se fosse um salva-vidas e até chorou de gratidão.

Uma nova luz brilhou nos olhos azuis de Laurel.

— Chorou?

Parker inclinou a cabeça e franziu uma sobranceira para Laurel.

— E então?

— Embora a parte do choro me aqueça por dentro, ela ainda terá de aceitar o que eu fizer, e gostar.

— Sem dúvida.

— Informa-me do que decidires, quando decidires — pediu Emma.

— Vou trabalhar nas flores e na decoração da mesa. — Dirigiu um sorriso compreensivo a Parker. — A que horas te telefonou com esta história toda?

— Às três e vinte da manhã.

Laurel estendeu a mão para dar uma palmadinha a Parker.

— Desculpa.

— Essa é a minha parte do negócio. Vamos resolver isto, como sempre fazemos.

Era o que faziam sempre, pensou Emma, repondo os arranjos da sala. Ela confiava que sempre o fariam. Olhou para a fotografia com uma simples moldura branca, onde três rapariguinhas brincavam ao Dia do Casamento num jardim estival. Nesse dia ela fizera de noiva e segurava o ramo de ervas e flores silvestres, além de usar o véu de renda. E ficara tão encantada e deliciada como as suas amigas quando a borboleta azul pousara no dente-de-leão do seu ramo.

Claro que a Mac também estava lá, atrás da máquina fotográfica, captando o momento. Considerava um pequeno milagre — bem, não muito pequeno — que tivessem transformado a brincadeira favorita de faz de conta da sua infância num negócio florescente.

Atualmente não havia dentes-de-leão, pensou, afofando as almofadas. Porém, quantas vezes vira aquele mesmo olhar perplexo e deliciado ao entregar a uma noiva o ramo que fizera para ela? Só para ela.

Esperava que a reunião que ia começar se concretizasse num casamento na primavera seguinte, com aquele olhar surpreso no rosto da noiva.

Organizou os dossiês, os álbuns, os livros, depois passou ao espelho para verificar o cabelo, a maquilhagem, o vinco do casaco e das calças que vestira.

A apresentação, pensou, era uma prioridade da Votos.

Saiu da frente do espelho para atender o telefone com um alegre, «Centro de Mesa da Votos».

— Sim, olá Roseanne. Claro que me lembro de si. O casamento de outubro, não é? Não, não é demasiado cedo para tomar essas decisões. — Enquanto falava, Emma tirou um bloco de notas da secretária e abriu-o. — Podemos marcar uma reunião para a próxima semana, se estiver bem para si. Pode trazer uma fotografia do vestido? Ótimo. E se já tiver escolhido os vestidos ou as cores das damas de honor... *Hum-hum*. Eu ajudo-a com tudo. Que tal na próxima segunda-feira às duas?

Apontou a reunião e olhou por cima do ombro ao ouvir um carro travar.

Uma cliente ao telefone e outra a chegar à porta.  
Como gostava da primavera!

Emma acompanhou a última cliente do dia através da área de expositores onde exibia os arranjos em seda e os ramos, além de várias amostras em cima de mesas e em prateleiras.

— Criei este quando me mandou a fotografia do vestido e me deu a ideia básica das suas cores e flores favoritas. Sei que preferia um grande ramo em cascata, mas... — Emma tirou da prateleira o ramo de lírios e rosas, atado com uma fita branca incrustada de pérolas. — Queria que visse este antes de tomar uma decisão final.

— É lindo, além de serem as minhas flores favoritas. Mas não me parece... não sei... não me parece suficientemente grande.

— Com as linhas do vestido e a coluna da saia, com o belo trabalho de contas do corpete, um ramo mais contemporâneo seria fascinante. Quero que tenha exatamente aquilo que deseja, Miranda. Esta amostra está mais perto daquilo que tem em mente.

Emma tirou da prateleira um ramo disposto em cascata.

— Oh, é como um jardim.

— Pois é. Deixe-me mostrar-lhe algumas fotografias. — Abriu o dossiê em cima da bancada e tirou duas fotografias.

— É o meu vestido! Com os ramos!

— A minha sócia Mac é uma feiticeira do Photoshop. Assim fica com uma ideia mais concreta de como cada estilo de ramo combina com o seu vestido. Não existem escolhas erradas. É o seu dia, e todos os pormenores devem ser exatamente como deseja.

— Tem razão! — Miranda examinou ambas as fotografias. — O ramo maior quase faz desaparecer o vestido. O outro, porém, parece ter sido feito para ele. É elegante e, ainda assim, romântico. É romântico, não é?

— Acho que sim. Os lírios, com aquele toque de rosa a destacar-se nas rosas brancas, e os toques de verde-pálido. A fita branca, o brilho das pérolas. Pensei que, se gostasse, podíamos fazer ramos só com lírios para as suas acompanhantes, talvez com uma fita cor-de-rosa.

— Acho que... — Miranda levou o ramo de amostra para junto de um espelho antigo, de corpo inteiro, a um canto da sala. O seu sorriso abriu-se como uma flor enquanto se examinava. — Acho que parece feito por umas fadas muito criativas. Adoro-o.

Emma tomou apontamentos no caderno.

— Trabalharemos em volta disso, uma espécie de espiral a partir dos ramos. Disporei jarras transparentes na mesa principal, para que os

ramos fiquem frescos e façam parte da decoração durante a festa. Agora, para o ramo que vai lançar, pensei em usar só rosas brancas mais pequenas, como estas. — Emma pegou noutra amostra. — Atado com fitas brancas e cor-de-rosa.

— Ficaré perfeito. Afinal, está a ser muito mais fácil do que eu pensava.

Satisfeita, Emma tomou mais uma nota.

— As flores são importantes, mas também devem ser divertidas. Lembre-se de que não existem escolhas erradas. Por tudo o que me disse, vejo a ideia do seu casamento como um romance moderno.

— É exatamente o que procuro.

— A sua sobrinha, a menina das flores, tem cinco anos, não é?

— Fez cinco no mês passado. Está muito entusiasmada com a ideia de espalhar pétalas de rosa pelo corredor.

— Aposto que sim. — Emma riscou a ideia de uma bola de cheiros da sua lista mental. — Podíamos usar este cesto de *design*, forrado a cetim branco, bordado de rosas-bebé brancas e, novamente, com as fitas brancas e cor-de-rosa. Pétalas de rosa brancas e cor-de-rosa. Podemos arranjar-lhe uma coroa, cor-de-rosa e com mais rosas-bebé brancas. Dependendo do seu vestido e daquilo que gostar, pode ficar simples ou podemos pôr-lhe fitas a descer pelas costas.

— Com fitas, sem dúvida. Ela é muito vaidosa, ficará fascinada. — Miranda pegou na coroa de amostra que Emma lhe oferecia. — Oh, Emma. É mesmo uma pequena coroa. Digna de uma princesa.

— Exatamente. — Quando Miranda ergueu a coroa para a sua própria cabeça, Emma riu. — Uma menina vaidosa de cinco anos sentir-se-á no céu. E você será a sua tia preferida, para sempre.

— Vai ficar tão querida. Sim, sim, concordo com tudo. Cesto, coroa, fitas, rosas, cores.

— Ótimo. Está a facilitar-me muito a vida. Agora, temos de tratar das mães e das avós. Podemos fazer ramalhetes para usar no pulso ou ao peito, com as rosas, os lírios, ou ambos. Mas...

Sorrindo, Miranda voltou a pousar a coroa.

— Sempre que pronuncia a palavra «mas», é porque vai dizer alguma coisa fantástica. Então, «mas»?

— Acho que podíamos atualizar o *tussy-mussy* clássico.

— Não faço ideia o que é isso.

— É um ramalhete pequenino, como este, transportado num pequeno recipiente onde as flores se mantêm frescas. Colocaremos expositores sobre as mesas, junto dos lugares delas, e assim também enfeitam as mesas delas, um pouco mais do que as outras. Usaremos rosas e lí-

rios miniatura, mas com as cores ao contrário. Rosas cor-de-rosa e lírios brancos, com toques de verde-claro. Ou, caso não combine com os seus vestidos, tudo branco. Pequenos, mas não demasiado delicados. Usarei recipientes muito simples, como este em prata, sem qualquer ornamento. Depois podemos gravar-lhes a data do casamento, ou os vossos nomes, ou os nomes delas.

— É como se fossem os seus próprios ramos. Como uma miniatura do meu. Oh, a minha mãe vai...

Quando Miranda ficou com os olhos marejados de lágrimas, Emma pegou na caixa de lenços de papel que mantinha sempre à mão.

— Obrigada. Fazem-me falta. Tenho de pensar nos monogramas. Tenho de conversar acerca disso com o Brian.

— Temos muito tempo.

— Mas quero-os, sem dúvida. Com as cores trocadas, julgo eu, porque assim serão mais delas. Vou sentar-me aqui um pouco.

Emma foi com ela até à pequena zona de estar e pôs-lhe a caixa dos lenços ao alcance da mão.

— Vai ficar lindo.

— Eu sei. Consigo visualizá-lo. Já consigo ver, e ainda nem começámos com os arranjos e os centros de mesa e... *oh...* tudo o resto. Mas consigo visualizar. Tenho de lhe dizer uma coisa.

— Diga.

— A minha irmã, que é a minha dama de honor, fartou-se de insistir para contratarmos a Belfoot. É considerada a melhor empresa de Greenwich, e é muito bonito.

— É lindo, e fazem sempre um trabalho excelente.

— Porém, eu e o Brian apaixonámo-nos por este sítio. Pelo aspeto, pela sensação, pela maneira como trabalham as quatro em conjunto. Pareceu-nos que era o indicado para nós. Sempre que venho aqui ou me encontro com uma de vocês, sei que fizemos bem. Vamos ter o casamento mais fabuloso. Desculpe — disse, voltando a limpar os olhos.

— Não peça desculpa. — Emma pegou num lenço para si mesma. — Sinto-me lisonjeada, e nada me faz mais feliz que ter aqui uma noiva a chorar lágrimas de felicidade. Que tal uma taça de champanhe para acalmar as coisas antes de passarmos às pregadeiras?

— A sério? Emmaline, se eu não estivesse tão seriamente apaixonada pelo Brian, pedia-a em casamento!

Emma levantou-se com uma gargalhada.

— Volto já.

...

Mais tarde, Emma despediu-se da excitada noiva e, confortavelmente cansada, instalou-se com uma pequena cafeteira no seu escritório.

Miranda tinha razão, pensou enquanto introduzia todos os pormenores no computador. O seu casamento seria fabuloso. Uma abundância de flores, um visual contemporâneo com toques românticos. Velas e o brilho das fitas e da gaze. Rosas e brancos, com toques de azuis e verdes fortes, para acrescentar contraste e interesse. Prateados elegantes e vidro transparente para destacar. Fitas longas e a extravagância das luzinhas.

Enquanto elaborava o contrato pormenorizado, deu a si mesma os parabéns por um dia muito produtivo. E visto que passaria uma parte do próximo a trabalhar nos arranjos para o evento que organizavam a meio da semana, pensou que era melhor deitar-se cedo.

Resistiria à tentação de ir ver o que a senhora Grady preparara para o jantar, faria uma salada e talvez um pouco de massa. Enrolar-se-ia com uma pilha de revistas ou um filme e telefonaria à mãe. Poderia deixar tudo feito, ter um serão relaxante e meter-se na cama por volta das onze.

Enquanto revia o contrato, o telefone emitiu os dois toques rápidos que assinalavam a sua linha pessoal. Olhou para o ecrã e sorriu.

— Olá, Sam.

— Olá, Beleza. Que fazes em casa quando devias estar a sair comigo?

— Estou a trabalhar.

— Já passa das seis. Arruma as coisas, querida. O Adam e a Vicki dão uma festa. Podemos jantar qualquer coisa primeiro. Vou buscar-te daqui a uma hora.

— Eh, espera. Já disse à Vicki que esta noite não me convinha. Tive um dia muito ocupado e ainda preciso de mais uma hora antes de...

— Tens de comer, não tens? E, se estiveste todo o dia a trabalhar, me-reces algum divertimento. Vem divertir-te comigo.

— Isso é muito querido, mas...

— Não me obrigues a ir à festa sozinho. Passamos por lá, tomamos uma bebida, damos um par de gargalhadas e vamo-nos embora quando quiseres. Não me partas o coração, Emma.

Ela levantou os olhos para o teto e percebeu que a sua decisão de se deitar cedo se esfumava.

— Não consigo jantar, mas posso encontrar-me contigo lá, por volta das oito. — *Depois, quando me trouxeres a casa, tentarás entrar*, pensou ela, *mas não terás sorte*. — Vou ter contigo. Assim, se estiveres a divertir-te quando eu precisar de sair, tu podes ficar.

— Se é o melhor que consigo, aceito. Vemo-nos lá.

## CAPÍTULO DOIS



Emma esforçou-se por se lembrar de que gostava de festas. Gostava de pessoas e de conversar. Gostava de escolher a roupa certa, de se maquilhar e de arranjar o cabelo.

Era uma rapariga.

Gostava do Adam e da Vicki — na verdade, apresentara-os quatro anos antes, quando se tornara claro que ela e o Adam davam melhores amigos que amantes.

O casamento deles fora organizado pela Votos.

Também gostava do Sam, pensou com um suspiro quando estacionou diante da casa moderna de dois andares e baixou o espelho de cortesia para verificar a maquilhagem.

Gostava de sair com o Sam — jantar, ir a uma festa, a um concerto. O problema era o excitómetro. Quando o conhecera, atingira o grau sete, com tendência para subir. Além disso, achara-o inteligente e divertido, apreciara a sua boa aparência. Porém, o primeiro beijo fizera-o cair para um mísero grau dois.

A culpa não fora dele, pensou ao sair do carro. Simplesmente, não era aquilo. Ela dera-lhe uma oportunidade. Mais alguns beijos. Beijar era uma das coisas que preferia fazer. Nunca passara do nível dois... e isso já era ser generosa.

Não é fácil dizer a um homem que não se tem qualquer intenção de dormir com ele. Estão em jogo sentimentos e egos. Ela, porém, fizera-o. O problema é que ele não acreditara.

Talvez encontrasse na festa alguém a quem o apresentar.

Entrou na casa, ouviu a música e as vozes, viu as luzes, e sentiu-se imediatamente mais animada. Gostava mesmo de festas.

Depois de uma olhadela rápida, avistou uma dúzia de pessoas que conhecia.

Deu beijos, trocou abraços e procurou os anfitriões. Quando avistou uma prima afastada por afinidade, acenou-lhe. Era a Addison, e anotou que devia ir cumprimentá-la. Era solteira, muito bonita e gostava de se divertir. Sim, conseguia imaginar o Sam e a Addison juntos.

Havia de os apresentar.

Encontrou Vicki na área de cozinha do grande salão, falando com amigos enquanto repunha a comida num tabuleiro.

— Emma! Pensei que não conseguias vir.

— É uma visita de médico. Estás ótima!

— Também tu. Oh, obrigada. — Pegou no ramo de túlipas riscadas que Emma lhe oferecia. — São lindas.

— Estou num espírito de «Que se lixe, é primavera». As túlipas pro-  
vam que tenho razão. Posso ajudar em alguma coisa?

— Nem pensar. Deixa-me arranjar-te um copo de vinho.

— Meio copo. Estou a conduzir, e não posso mesmo ficar muito tempo.

— Meio copo de *Cabernet*. — Vicki pousou as flores na bancada para libertar as mãos. — Vieste sozinha?

— Na verdade, vim mais ou menos encontrar-me com o Sam.

— Oh — disse Vicki, prolongando a sílaba.

— Não, não é nada sério.

— Oh.

— Ouve. Dá cá, deixa-me fazer isso — disse quando Vicki pegou numa jarra. Tratando das flores, prosseguiu em voz mais baixa: — Que te parece o Sam e a Addison?

— Estão juntos? Não tinha percebido...

— Não, estava só a especular. Acho que são capazes de gostar um do outro.

— Claro. Acho que sim. Vocês ficam tão bem juntos, tu e o Sam.

Emma emitiu um som que não a comprometia.

— Onde está o Adam? Não o vi na multidão.

— Deve estar no terraço a beber uma cerveja com o Jack.

— O Jack está aqui? — Emma manteve as mãos ocupadas e o tom casual. — Tenho de lhe ir dizer olá.

— Falavam de basebol a última vez que os vi. Sabes como eles são.

Sabia perfeitamente. Conhecia Jack Cooke há mais de uma década,



desde que ele e o irmão de Parker, Delaney, tinham partilhado o quarto em Yale. E Jack passara muito tempo na propriedade dos Brown. Recentemente, mudara-se para Greenwich e abrira um pequeno e exclusivo gabinete de arquitetura.

Tinha sido como uma rocha, lembrou-se, depois da morte dos pais de Parker e de Del num acidente no seu avião privado. E salvara-lhes a vida quando elas tinham decidido abrir a empresa, desenhando a remodelação da casa da piscina e da casa de hóspedes para acomodar as necessidades do negócio.

Era praticamente da família.

Sem dúvida, iria cumprimentá-lo antes de se ir embora.

Virou-se com o copo de vinho na mão exatamente no momento em que Sam entrava na divisão. Tinha *tão* bom aspeto, pensou. Alto e bem constituído, pestanejando continuamente. Talvez só um pouco demasiado estudado, com o cabelo sempre perfeitamente cortado, as roupas absolutamente corretas, mas...

— Aqui está ela. Olá, Vic. — Passou a Vicki uma excelente garrafa de *Cabernet*, exatamente o presente correto, beijou-lhe a bochecha e depois mandou a Emma um sorriso muito, muito caloroso. — Era mesmo de ti que andava à procura.

Ele deu-lhe um beijo tão entusiástico que quase o fez subir na sua escala de prazer.

Ela conseguiu recuar um centímetro e travá-lo, pousando-lhe a mão livre no peito, não fosse passar-lhe pela cabeça beijá-la outra vez. Sorriu-lhe e acrescentou uma gargalhada amigável.

— Olá, Sam.

Jack, de cabelo loiro-escuro despenteado pela brisa do fim da tarde, blusão de couro aberto sobre jeans desbotados, entrou na cozinha vindo do terraço. Ergueu as sobranceiras para Emma e sorriu.

— Olá, Emma. Não me deixes interromper.

— Jack! — Empurrou Sam mais um centímetro. — Conheces o Sam, não conheces?

— Claro. Como vais?

— Bem. — Sam virou-se e passou um braço sobre os ombros de Emma. — E tu?

— Não me posso queixar. — Tirou uma batata frita e mergulhou-a em molho. — Como vão as coisas lá na quinta? — perguntou a Emma.

— Andamos ocupadas. A primavera é a estação dos casamentos.

— A primavera é a estação do basebol. Vi a tua mãe outro dia. Continua a ser a mulher mais bonita alguma vez criada.

O sorriso casual de Emma brilhou como um raio de Sol.

— É verdade.

— Continua a recusar-se a deixar o teu pai para ficar comigo, mas a esperança é a última a morrer. Bem, até mais logo. Adeus, Sam.

Quando Jack saiu, Sam virou-se. Conhecendo bem a dança, Emma também se virou — para evitar ficar presa entre ele e a bancada.

— Tinha-me esquecido de quantos amigos comuns tenho com a Vicki e o Adam. Conheço quase toda a gente aqui. Preciso de cumprimentar alguns. Oh, está cá uma pessoa que gostava muito que conhecesses.

Animada, pegou na mão de Sam.

— Não conheces a minha prima Addison, pois não?

— Acho que não.

— Há meses que não a via. Vamos procurá-la, para vos apresentar.

Puxou-o para o meio da festa.

Jack serviu-se de um punhado de frutos secos e ficou a conversar com um grupo de amigos. E viu Emma dirigir o Jovem Executivo em Exibição através da multidão. Ela estava com um aspeto... fascinante, pensou ele.

Não era só aquele género de fascínio causado pelos olhos negros amendoados, pelo corpo curvilíneo, pelas massas de cabelo encaracolado ou pelos lábios cheios e macios. Isso já era suficientemente perturbador. Mas era preciso acrescentar o calor e a luz que parecia emanar. Era uma embalagem dos diabos.

E, teve de se lembrar, era irmã honorária do seu melhor amigo.

Fosse como fosse, era raro vê-la sem o seu habitual séquito de raparigas, ou com familiares, sempre rodeada de gente. Ou, como acontecia hoje, com um tipo qualquer.

Quando uma mulher tinha a aparência de Emmaline Grant, existia sempre um tipo qualquer.

Contudo, olhar não fazia mal. Ele era um homem que apreciava linhas e curvas — nos edifícios e nas mulheres. De acordo com os seus cálculos, Emma era quase arquiteturalmente perfeita. Então comeu nozes, fez de conta que ouvia a conversa e observou-a a deslizar e a bambolear-se pela sala.

Parecia casual, observou Jack, a maneira como ela parava, trocava cumprimentos, aguardava, ria ou sorria. Porém, ao longo dos anos, ele desenvolvera um estudo acerca dela. Emma tinha um objetivo.

Com a curiosidade espicaçada, Jack afastou-se daquele grupo e misturou-se com outro para a manter no seu campo de visão.

O fulano, Sam, acariciava-lhe as costas e punha-lhe um braço em torno dos ombros. Ela sorria-lhe muito e ria sob aquelas pestanas espessas que

tinha. Mas, oh, sim, a sua linguagem corporal — ele já a estudara — não mostrava recetividade.

Ouviu-a gritar «Addison!» e acrescentar aquela gargalhada que lhe fazia ferver o sangue, antes de abraçar uma loira muito bonita.

Conversaram, riram uma para a outra da maneira que as mulheres fazem, mantendo-se a uma certa distância para se examinarem, antes — ele tinha a certeza disto — de uma dizer à outra como estava fantástica.

*Estás linda! Emagreceste? Adoro o teu penteado.* Segundo as suas observações, aquele singular ritual feminino sofria algumas variações, mas o tema permanecia o mesmo.

Emma colocara-se numa posição que deixava cara a cara o fulano e a loira.

Foi então que percebeu, pela maneira como ela recuou uns centímetros e abanou uma mão no ar antes de dar uma palmadinha no braço do tipo. Emma queria livrar-se dele, e achava que a loira poderia distraí-lo.

Quando ela desapareceu na direção da cozinha, Jack ergueu a cerveja, como se brindasse.

*Boa jogada, Emmaline,* pensou. *Boa jogada.*

Jack partiu cedo. Tinha um encontro ao pequeno-almoço, às oito horas, e um dia atarefado com visitas e inspeções a obras. Algures pelo meio disso, ou talvez no dia seguinte, precisava de arranjar algum tempo para se instalar ao estirador e trabalhar algumas ideias para as remodelações que Mac queria para o seu estúdio, agora que ela e Carter estavam noivos e viviam juntos.

Ele conseguia visualizar a maneira de o fazer, sem insultar as linhas e formas do edifício. Porém, queria pôr tudo em papel, brincar um pouco com as ideias antes de mostrar a Mac.

Ainda não se habituara bem à ideia de Mac ir casar — e logo com o Carter. Era impossível não gostar de Carter, pensou Jack. Mal dera por ele quando frequentara Yale ao mesmo tempo que ele e Del, mas era impossível não o apreciar.

Além disso, fazia brilhar os olhos de Mac, o que era importante.

Com o rádio aos gritos, reviu mentalmente várias ideias para acrescentar o espaço, para que Carter tivesse um escritório em casa e pudesse fazer... o que quer que os professores de Literatura Inglesa faziam nos escritórios em casa.

Enquanto conduzia, a chuva que caía intermitentemente durante todo o dia regressou sob a forma de uma neve fina. *Abril em Nova Inglaterra,* pensou.

Os seus faróis iluminaram o carro parado à berma da estrada e a mulher de pé, diante do capô aberto, com as mãos nas ancas.

Parou, saiu do carro e, enfiando as mãos nos bolsos, aproximou-se de Emma.

— Há que tempos que não te via.

— Raios! O motor morreu. Parou. — Abanou os braços, frustrada, e ele deu um prudente passo atrás para evitar ser atingido pela lanterna que ela segurava. — E está a nevar. Já viste *isto*?

— Pois está. Verificaste a gasolina?

— Não acabou. Não sou idiota. É da bateria, ou do carburador. Ou de uma dessas coisas com mangueiras, ou com correias.

— Bem, isso exclui muitas possibilidades.

Ela suspirou.

— Caramba, Jack. Sou florista, não mecânica.

Ele riu.

— Tens razão. Chamaste ajuda?

— Vou chamar, mas achei melhor dar uma olhadela antes, pois podia ser alguma coisa simples e óbvia. Porque é que não tornam as coisas dentro dos carros simples e óbvias para as pessoas que os guiam?

— Porque é que as flores têm estranhos nomes latinos que ninguém consegue pronunciar? Deixa-me dar uma olhadela. — Estendeu a mão para a lanterna. — Caramba, Emma, estás a congelar.

— Teria vestido algo mais quente se soubesse que acabaria na berma da estrada a meio da noite, em plena tempestade de neve.

— Quase não neva. — Jack tirou o blusão e ofereceu-lho.

— Obrigada.

Embrulhou-se no blusão enquanto ele se debruçava para dentro do capô.

— Quando o levaste à oficina pela última vez?

— Não sei. Há uns tempos.

Jack olhou para trás e fitou-a com um olhar seco dos seus olhos cinzentos fumados.

— O teu há uns tempos deve ter sido nunca. Tens os cabos da bateria corroídos.

— Que queres dizer? — Emma aproximou-se e enfiou a cabeça debaixo do capô, ao lado da dele. — És capaz de os arranjar?

— Posso... — Virou a cabeça para ela, ao mesmo tempo que ela se virava para ele. Jack só conseguiu ver aqueles olhos de veludo castanho e, por um momento, não conseguiu articular palavra.

— O quê? — perguntou Emma, e a respiração dela foi um suspiro suave sobre os seus lábios.

— O quê? — Que raio estava ele a fazer? Recuou para fora da zona de perigo. — O que... O que posso fazer é dar-te uma carga que te permita chegar a casa.

— Oh, está bem. Que bom.

— Depois tens de o levar à oficina.

— Claro. É a primeira coisa que farei. Prometo.

A voz dela aumentou de volume e fê-lo lembrar-se de que estava frio.

— Entra no carro, vou fazer a ligação. Não liguês o motor, não mexas em nada até eu dizer.

Deu a volta com o seu carro até ficar de frente para o dela. Enquanto ia buscar os cabos, ela voltou a sair do carro.

— Quero ver como fazes — explicou. — Para o caso de ter de o fazer alguma vez.

— Está bem. Cabos de ligação, baterias. Tens o positivo e o negativo. É melhor que não os mistures porque se os ligares ao contrário... — Prendeu um na bateria, emitiu um ruído de estrangulamento e começou a tremer. Em vez de gritar, ela riu-se e deu-lhe uma palmada no braço.

— Idiota. Tenho irmãos, conheço os vossos jogos.

— Os teus irmãos deviam ter-te ensinado a fazer arrancar um carro com cabos.

— Acho que ensinaram, mas ignorei-os. Tenho um conjunto desses cabos no porta-bagagens, juntamente com outro material de emergência que nunca precisei de usar. O teu, por baixo, é mais brilhante que o meu — acrescentou, franzindo o sobrolho para o motor do carro dele.

— Acho que o poço mais fundo do inferno é mais brilhante que o teu.

Ela suspirou.

— Agora que já vi, não posso discutir.

— Volta para o carro e liga o motor.

— Ligar o motor? Estás a brincar.

— Não estou. Quando, e se, arrancar, não desligues.

— Já percebi. — No carro, Emma fez figas e rodou a chave. O motor tossiu, engasgou-se, fazendo Jack estremecer, e depois ganhou vida.

Ela enfiou a cabeça pela janela e fez-lhe um sorriso radioso.

— Funcionou!

Passou-lhe pela cabeça a ideia de que, só aquele sorriso, seria capaz de ressuscitar uma centena de baterias descarregadas. — Vamos deixá-lo carregar uns minutos, depois sigo-te até à tua casa.

— Não é preciso. Não te fica em caminho.

— Prefiro seguir-te para ter a certeza que não ficas outra vez parada no meio da estrada.

— Obrigada, Jack. Sabe Deus quanto tempo eu teria de ficar aqui se

não tivesses aparecido. Estava a amaldiçoar-me por ter ido àquela maldita festa, quando o que realmente queria era vegetar em frente de um filme e ir para a cama cedo.

— Nesse caso, porque foste?

— Porque sou fraca. — Encolheu os ombros. — O Sam não queria ir sozinho e eu... bem... gosto de festas, por isso achei que não era problema ir lá ter com ele e ficar durante uma hora.

— *Hum-hum*. Como é que correu entre ele e a loira?

— Desculpa?

— A loira a quem o impingiste.

— Não o impingi a ninguém. — Ela desviou o olhar, depois voltou a enfrentá-lo. — Está bem, impingi, mas só porque achei que eles gostariam um do outro. E gostaram. Acho que foi uma boa ação e que fez valer a pena a saída desta noite. Tirando ter ficado parada à beira da estrada. Parece-me injusto... e um pouco embaraçoso, visto que tu reparaste.

— Pelo contrário, fiquei impressionado. Isso e o molho foram as coisas que mais me agradaram no serão. Vou desligar os cabos, vamos ver se a bateria mantém a carga. Se estiver tudo bem, espera até eu entrar no carro para arrancares.

— Ok. Jack, devo-te uma.

— Pois debes. — Sorriu-lhe antes de ir para o carro.

Como o motor continuou a trabalhar, Jack fechou o capô dela e a seguir o seu. Depois de atirar os cabos de ligação para dentro do porta-bagagens, sentou-se ao volante e ligou as luzes para lhe indicar que podia arrancar.

Seguiu-a através da neve ligeira que continuava a tombar e tentou não pensar naquele momento sob o capô, quando a respiração dela enviara uma onda de calor para os seus lábios.

Ela deu uma buzinadela amigável quando chegou à estrada privada que conduzia à propriedade dos Brown. Ele abrandou e parou. Viu os seus faróis traseiros brilharem no escuro e desaparecerem na curva do caminho que levava à casa de hóspedes.

Ficou ali parado mais um momento, no escuro, antes de dar a volta e seguir para casa.

Pelo retrovisor, Emma viu Jack parar no início da rampa. Hesitou, perguntando-se se o devia ter convidado a entrar e tomar um café antes de voltar para casa.

Provavelmente, devia tê-lo feito — era o mínimo —, mas agora era demasiado tarde. E, sem dúvida, fora melhor assim.

Não era sensato dar corda a um amigo da família que lhe merecia um dez na escala do excitômetro, ainda mais sozinha e à noite. Especialmente quando ainda sentia um formigueiro na barriga por causa de um momento ridículo sob o capô de um carro, quando quase se humilhara e se atirara a ele.

Aquilo nunca resultaria.

Apetecia-lhe ir conversar sobre toda aquela estúpida confusão com Parker, Laurel ou Mac ou, melhor ainda, com as três ao mesmo tempo. Mas isso também não resultaria. Algumas coisas não podiam ser partilhadas nem com as melhores amigas do mundo. Principalmente, porque era claro que Jack e Mac tinham tido um caso no passado.

Ela desconfiava que Jack tivera um caso com uma grande quantidade de mulheres.

Não que o censurasse por isso, pensou ao estacionar. Ela gostava da companhia de homens. Gostava de sexo. Por vezes, uma coisa conduzia à outra.

Além disso, como podia uma pessoa encontrar o amor da sua vida se não o procurasse?

Desligou o carro, mordeu o lábio e voltou a rodar a chave. O motor emitiu uns sons infelizes, pareceu hesitar, depois arrancou.

Tinha de ser um bom sinal, decidiu, voltando a desligá-lo. Mas tinha de o levar à oficina assim que pudesse. Pediria informações sobre mecânicos à Parker, que sabia tudo.

Entrou em casa e foi buscar uma garrafa de água para levar para cima. Por causa do Sam e da estúpida da bateria, não conseguiria ir para a cama à hora bem-comportada das onze, mas conseguiria à meia-noite. O que significava que não tinha desculpas para faltar ao plano de exercícios que planeara para a manhã seguinte.

Não havia desculpa, repetiu para se convencer.

Pousou a garrafa de água na mesa de cabeceira, ao lado de uma jarrinha de frésias, e começou a despir-se. Apercebeu-se então de que ainda tinha o blusão de Jack vestido.

— Oh, raios!

Cheirava tão bem, pensou. Couro e Jack. E sabia que aquele aroma não lhe proporcionaria sonhos descansados. Levou-o para o outro lado da sala e pendurou-o nas costas de uma cadeira. Agora teria de lho devolver, mas preocupar-se-ia com isso mais tarde.

Alguma das raparigas precisaria com certeza de ir à cidade tratar de alguma coisa, e poderia levar-lho. Não se tratava de cobardia delegar aquela tarefa, mas sim de eficiência.

A cobardia não tinha nada a ver com aquilo. Ela estava sempre a ver

o Jack. *Sempre*. Só não percebia o interesse de fazer uma viagem de propósito à cidade se alguém tivesse de lá ir. De certeza que ele tinha outro casaco, não precisava daquele imediatamente. Se fosse muito importante, tinha-lho pedido.

A culpa era dele.

E não acabara de decidir que se preocuparia mais tarde?

Vestiu uma camisa de dormir e foi à casa de banho para começar o seu ritual noturno. Remoção da maquilhagem, tonificação e hidratação da pele, escovagem de dentes e cabelos. A rotina e a sua bonita casa de banho normalmente relaxavam-na. Adorava as cores alegres, a sua banheira de pés, a prateleira de frascos verde-clara onde punha as flores que tinha à mão.

Agora eram narcisos-miniatura, para celebrar a primavera. Porém, os seus rostos sorridentes pareciam trocar dela. Irritada, apagou a luz.

Continuou o ritual removendo da cama a pequena montanha de almofadões, desviando para o lado as almofadas de fronhas bordadas, afofando as almofadas de dormir. Meteu-se debaixo do edredão e aninhou-se para sentir os lençóis macios na pele, o aroma inebriante das frésias perfumando o ar, e...

*Merda!* Continuava a sentir o cheiro do blusão.

Suspirando, virou-se de costas.

E qual era o mal? Qual era o mal de ter pensamentos libidinosos com o melhor amigo do irmão da melhor amiga? Não era nenhum crime. Os pensamentos libidinosos eram absolutamente razoáveis e normais. De facto, até eram coisas boas. Coisas saudáveis. Ela *gostava* de ter pensamentos libidinosos.

Porque não haveria uma mulher normal de ter pensamentos libidinosos com um homem sensual, lindíssimo, com um corpo fantástico e olhos que pareciam fumo envolvido em nevoeiro?

Seria louca se não os tivesse.

Agir de acordo com eles, *isso* sim, seria loucura. Mas tinha todo o direito de os ter.

Perguntou-se o que Jack teria feito se ela tivesse percorrido aquele último centímetro que os separava sob o capô do carro e o tivesse beijado.

Sendo um homem, teria retribuído, calculou. E teriam passado alguns minutos muito interessantes a aquecer lentamente na berma da estrada, sob a neve ligeira. Os corpos a aquecerem, os corações a baterem, a neve a molhá-los e...

Não, não, estava a romantizar. Porque fazia sempre isso, passar da luxúria saudável para o romance? Esse era o problema dela, que tinha certamente as suas raízes na maravilhosamente romântica história de amor dos seus pais. Como poderia não querer ter o que eles tinham?



*Esquece*, ordenou a si mesma. Não encontraria nada do género «felizes para sempre» ao lado do Jack. Era melhor manter-se pela luxúria.

Então, estariam quentes e emaranhados à beira da estrada. Mas, é claro, depois desse beijo impulsivo e sem dúvida muito excitante, teriam ficado embaraçados e desajeitados um com o outro.

Depois teriam de pedir desculpa um ao outro, ou tentar dizer uma gracinha qualquer acerca do que acontecera. Tudo seria esquisito e tenso.

O facto simples é que era demasiado tarde para se deixarem levar pela luxúria. Eram amigos, o que existia de mais próximo a seguir à família. Uma pessoa não se atirava aos amigos nem à família. Seria muitíssimo melhor para ela guardar os seus pensamentos para si mesma e continuar à procura do que, de facto, lhe interessava. À procura do amor.

De um amor que durasse para sempre.

## CAPÍTULO TRÊS



Cheia de ressentimentos e de pena de si mesma, Emma arrastou-se até ao ginásio particular que ficava na mansão. O seu desenho refletia o estilo eficiente de Parker e o seu inquestionável bom gosto, duas coisas que, naquele momento, Emma detestava amargamente.

A CNN murmurava no ecrã plano enquanto Parker, com os *phones* nos ouvidos, percorria na elíptica os quilómetros que estipulara. Enquanto despia a camisola, Emma olhou com ar de censura para o *Blowflex*. Virou-lhe as costas, assim como à bicicleta reclinada, à prateleira de pesos livres e à estante dos DVD, cujos instrutores, animados ou sérios, podiam acompanhá-la numa sessão de ioga ou Pilates, torturá-la com uma bola de exercício ou intimidá-la com o *tai chi*.

Desenrolou um dos tapetes e sentou-se, pensando fazer alguns alongamentos para aquecer. Mas limitou-se a deitar-se.

— Bom-dia. — Parker fitou-a enquanto continuava a bombar. — Deitaste-te tarde?

— Há quanto tempo estás a fazer isso?

— Queres vir para aqui? Estou quase a acabar. Vou só fazer o arrefecimento.

— Detesto esta sala. Uma câmara de tortura com soalhos reluzentes e uma pintura bonita, mas que não deixa de ser uma câmara de tortura.

— Sentir-te-ás melhor depois de fazeres dois ou três quilómetros.

— Porquê? — Deitada de barriga, Emma estendeu os braços. — Quem disse? Quem decidiu que as pessoas, de repente, têm de percorrer

quilómetros todos os malditos dias, ou que lhes fará bem torcerem-se em posições antinaturais? Acho que foram os mesmos que vendem este equipamento hediondo e os que desenham esses fatinhos tão bonitos como o que estás a usar.

Emma semicerrrou os olhos para as calças curtas, cinzentas, e para o alegre top cor-de-rosa e cinzento que Parker usava.

— Quantos fatinhos giros desses tens?

— Milhares — respondeu Parker secamente.

— Vês? Se eles não te tivessem convencido a percorrer quilómetros e a torceres-te em formas antinaturais, e de que ficavas gira assim, não terias gasto todo esse dinheiro em fatinhos giros. Podias tê-lo doado a uma boa causa.

— Mas o meu rabo fica ótimo com estas calças de ioga.

— É verdade, mas a única pessoa que está a ver o teu rabo sou eu. Qual é o interesse?

— Satisfação pessoal. — Parker abrandou e parou. Desceu e limpou a máquina com um pano embebido em álcool. — Que se passa, Emma?

— Já te disse. Odeio esta sala e tudo o que ela representa.

— Pois disseste, mas eu conheço o teu tom. Estás irritável, e isso é raro.

— Sou tão irritável como outra pessoa qualquer.

— Não. — Parker pegou na toalha, limpou a cara, depois bebeu da garrafa de água. — Estás quase sempre bem-disposta, otimista e com bom feitio, mesmo quando te queixas.

— A sério? Santo Deus, isso deve ser irritante.

— Quase nunca. — Aproximando-se da *Bowflex*, Parker começou a fazer um exercício com a parte de cima do corpo que, executado por ela, até parecia fácil e natural. Emma sabia que não era uma coisa nem outra. Quando sentiu mais uma vaga de ressentimento, sentou-se.

— Estou irritável. Estou completamente irritável esta manhã. A noite passada...

Interrompeu-se quando Laurel entrou, com o cabelo apanhado no cimo da cabeça, o corpo magro vestido com uns calções de ciclista e sutiã desportivo.

— Vou desligar a CNN — anunciou — porque não quero saber. — Pegou no comando e mudou para um canal de *hard rock*.

— Pelo menos, põe mais baixo — pediu Parker. — A Emma vai contar-nos porque está completamente irritável esta manhã.

— A Emma nunca está completamente irritável. — Laurel pegou num tapete e desenrolou-o no chão. — Isso chega a ser irritante.

— Vês? — Como já estava no chão, Emma decidiu que mais valia fa-

zer uns alongamentos. — São as minhas melhores amigas e durante todos estes anos deixaram-me andar por aí a irritar as pessoas.

— Provavelmente só nos irrita a nós. — Laurel iniciou uma série de abdominais. — Estamos mais perto de ti que qualquer outra pessoa.

— É verdade. Nesse caso, que se lixem. Santo Deus, vocês as duas fazem mesmo isto todos os dias?

— A Parker faz todos os dias, porque é obsessiva. Eu faço três vezes por semana. Quatro, se me sentir muito enérgica. Normalmente hoje é um dos dias de folga, mas consegui um desenho para a noiva chorona e isso motivou-me.

— Tens alguma coisa para me mostrar? — perguntou Parker.

— Estás a ver, é obsessiva. — Laurel passou para os *roll-ups*. — Mais tarde. Agora quero ouvir falar da irritação.

— Como podes fazer isso? — Estando completamente irritável, Emma grunhiu. — É como se alguém te estivesse a puxar com uma corda invisível.

— Abdominais de aço, querida.

— Odeio-te.

— E quem te pode censurar? Deduzo que a tua irritação esteja relacionada com homens — continuou Laurel. — Exijo todos os pormenores.

— Na verdade...

— Eh, que se passa aqui? Dia das Mulheres no Ginásio Brown? — Mac entrou, despindo uma camisola com capuz.

— Acho que é Um Dia no Inferno. — Laurel interrompeu-se. — Que fazes aqui?

— Venho aqui de vez em quando.

— De vez em quando olhas para uma fotografia do ginásio e consideras que fizeste exercício.

— Acabei de virar uma página da minha vida. Pela minha saúde.

— Tretas — comentou Laurel, sorrindo.

— Está bem, são tretas. Estou convencida de que não quero alças no vestido de noiva. Quero apresentar uns ombros e braços fantásticos. — Virando-se para o espelho, Mac fletiu o corpo. — Tenho bons braços e ombros, mas não é o suficiente. — Soltou um suspiro. — E estou a tornar-me uma noiva obcecada e picuinhas. Odeio-me.

— Serás uma noiva obcecada e picuinhas que ficará fabulosa dentro do vestido. Repara — disse Parker. — Vê o que estou a fazer.

— Estou a ver. — Mac franziu o sobrolho. — Mas não me parece que goste.

— Só tens de manter o equilíbrio e a suavidade. Vou diminuir um pouco a resistência.

- Estás a sugerir que sou fraquinha?
- Estou a evitar todas as queixas e choros de amanhã se começares no meu nível. Eu faço isto três vezes por semana.
- E tens uns braços e ombros mesmo bons.
- Além disso, sei de fonte segura que o meu rabo fica ótimo com estas calças. Muito bem, suave e equilibrada. Quinze repetições, conjuntos de três. — Parker deu uma palmadinha a Mac. — Espero que esta fosse a última interrupção. Emma, o palco é teu.
- Ela não consegue sair do chão — notou Mac.
- Chiu. Esta manhã a Emma está irritada porque...
- Fui a uma festa a casa do Adam e da Vicky a noite passada, lembram-se deles, os MacMillians? Eu tinha pensado em não ir porque tive um dia cheio e hoje também terei. Tive um dia mesmo bom, especialmente a última reunião, e depois passei algum tempo a redigir os contratos e a tomar uns apontamentos e decidi fazer um jantar leve, ver um filme e ir para a cama cedo.
- Quem foi o tipo que te ligou e te convenceu a sair? — perguntou Mac enquanto, de rosto franzido, fazia o primeiro conjunto de exercícios.
- O Sam.
- Aquele giríssimo, maluquinho dos computadores, que usa os óculos *Buddy Holly*?
- Não. — Emma abanou a cabeça para Laurel. — Esse é o Ben. O Sam é o executivo de publicidade de sorriso maravilhoso.
- Aquele com quem tinhas decidido não sair mais — acrescentou Parker.
- Sim, e não saí propriamente com ele. Recusei o jantar e que ele me viesse buscar. Mas... está bem, cedi relativamente à festa e combinei ir lá ter com ele. Disse-lhe com toda a franqueza, há duas semanas, que não dormiria com ele, mas acho que não acreditou. A Addison estava lá, aquela minha prima em terceiro grau, acho eu, do lado do meu pai. Ela é fantástica e exatamente o género dele. Então apresentei-os e correu muito bem.
- Devíamos oferecer um pacote de casamenteiras — sugeriu Laurel, começando a fazer elevações das pernas. — Mesmo que só o lançássemos com os tipos de que a Emma se quer ver livre, duplicaríamos o negócio.
- Ver-se livre de alguém tem conotações negativas. Eu redireciono as pessoas. Seja como for, estava lá o Jack.
- O nosso Jack? — perguntou Parker.
- Sim, o que acabou por ser uma sorte para mim. Saí cedo e, a meio do caminho, o meu carro avariou. Tossiu, engasgou-se e morreu. Estava escuro e nevava. Eu estava a *gelar* e aquela parte da estrada é deserta, claro.

Como as elevações de pernas não pareciam muito horríveis, Emma mudou de posição para imitar os movimentos de Laurel.

— Tens mesmo de instalar o *OnStar* — disse-lhe Parker. — Eu arranjo-te as informações.

— Não vos parece um pouco assustador? — perguntou Mac, um pouco ofegante, já na terceira sequência. — Deixá-los saber exatamente onde te encontras. E a verdade é que acho, acho mesmo, que eles te conseguem ouvir, mesmo que não carregues no botão. Eles estão a ouvir, isso é que estão.

— Porque adoram ouvir pessoas a cantar desafinadamente as canções da rádio. Deve iluminar-lhes o dia. A quem telefonaste? — perguntou Parker a Emma.

— Acabei por não ter de telefonar a ninguém. O Jack apareceu antes disso. Dá uma olhadela e decide que é da bateria. Carregou-ma. Ah, e emprestou-me o blusão, que me esqueci de lhe devolver. Assim, em vez de ter um serão tranquilo e agradável, tive de me esquivar aos lábios do Sam, de tentar redirecioná-lo para outra, e de ficar ao frio na berma da estrada, quando a única coisa que me apetecia era uma grande salada e um filme romântico. Agora tenho de levar o carro à oficina e ir a casa do Jack devolver-lhe o casaco. E hoje estou assoberbada de trabalho, não o posso fazer. Então, estou irritável porque... — Hesitou um pouco enquanto se virava para trabalhar a outra perna. — Não dormi bem a pensar em tudo o que tinha de fazer hoje e a ralar comigo por me ter deixado convencer a sair. — Arquejou. — E agora, que disse isto tudo, não me parece que valha a pena estar chateada.

— As avarias no carro são sempre uma merda — disse Laurel. — E então à noite, no meio da neve! Tens permissão para estar irritável.

— O Jack não deixou de salientar que a culpa era toda minha, e o pior é que era mesmo, porque nunca mandei o carro à revisão. Nunca. E isso foi chato. Mas ele salvou-me a vida, além do casaco. E depois seguiu-me até casa para ter a certeza de que chegava. Enfim, nada a fazer. Agora tenho de arranjar alguém para fazer uma revisão ao carro e reparar o que for preciso. Tenho homens na minha família que, provavelmente, poderiam tratar da maior parte, mas não quero receber mais um sermão por não cuidar bem do carro. Então, Parker, aonde devo levá-lo?

— Eu sei, eu sei. — Mac soprou o ar e interrompeu as repetições. — Deves levá-lo à oficina daquele tipo que rebocou o carro da minha mãe no inverno passado. O Del gosta dele. Qualquer pessoa que diga à Linda para se lixar quando ela está numa fúria, tem o meu voto.

— Concordo — disse Parker. — E consegui o selo de aprovação de Delaney Brown, que é um maníaco acerca de quem toca nos seus carros. Kavanaugh's. Eu arranjo-te o número e a morada.

— O dono chama-se Malcolm Kavanaugh — acrescentou Mac. — É muito giro.

— A sério? Bem, talvez uma bateria avariada não seja uma coisa assim tão má. Tentarei entrar em contacto com ele na próxima semana. Entretanto, alguma de vocês vai à cidade, a algum sítio perto do ateliê do Jack? Hoje tenho mesmo de ficar aqui.

— Devolve-lho no sábado — sugeriu Parker. — É convidado do evento da noite.

— Oh, ótimo. — Emma olhou quase com repugnância para a máquina elíptica. — Já que aqui estou, o melhor é suar um bocado.

— E eu? — perguntou Mac. — Já estou gira?

— Os progressos são surpreendentes. Curva os bíceps — ordenou Parker. — Eu mostro-te.

Por volta das nove da manhã, Emma tomara duche, vestira-se e estava onde queria estar. Na sua bancada de trabalho, rodeada de flores.

Para celebrar os cinquenta anos de casamento dos seus pais, os clientes queriam que Emma recriasse o casamento e a receção no jardim, animando um pouco as coisas.

Ela tinha cópias das fotografias do álbum de casamento fixadas num quadro, onde acrescentara alguns esboços e diagramas, uma lista de flores, recipientes, acessórios. Noutra quadro afixara o desenho de Laurel de um bolo de casamento elegante e simples, com três andares, adornado por narcisos amarelo-vivo e túlipas rosa-pálido. Ao seu lado estava uma fotografia da figura que ficaria sobre o bolo, encomendada pela família, que recriava o casal no dia do casamento, até ao pormenor da renda que debruava o fundo da saia da noiva.

Cinquenta anos juntos, pensou, examinando as fotografias. Todos aqueles dias e noites, aniversários e Natais. Os nascimentos, as mortes, as discussões, os risos.

Para ela, aquilo era mais romântico que charnechas batidas pelo vento e castelos de contos de fadas.

Ela dar-lhes-ia o seu jardim. Um mundo de jardins.

Começou pelos narcisos, envasando-os em canteiros forrados de musgo, misturando depois túlipas e jacintos, acrescentando pervinca aqui e ali. Encheu meia dúzia de vezes um carrinho que trazia do frigorífico e voltava a levar.

Misturou alimento para plantas em litros de água, enchendo grandes cilindros de vidro. Arrancou espinhos, cortou-os sob água corrente e começou a arranjar esporeira, erva-bezerra, nuvenzinhas de gipsófilas, fetos

rendilhados. Cores suaves e cores vivas, colocadas a diferentes alturas para criar a ilusão de um jardim primaveril.

O tempo foi passando.

Ela deteve-se o tempo suficiente para rodar os ombros e o pescoço e fletir os dedos.

Usando um suporte que ensopara de espuma, debruou-o com folhas de limoeiro para criar uma base que tornou mais vistosa com abrlhantador de folhas.

Recolheu rosas no balde de suporte, arrancou espinhos e, mal se dando ao trabalho de praguejar quando se picou, cortou os caules com a altura certa para fazer a primeira das cinquenta reproduções do ramo que a noiva levava meio século antes.

Trabalhou do centro para fora, fixando meticulosamente cada caule com adesivo. Arrancar, cortar, acrescentar — tendo em conta a escolha da noiva: rosas de várias cores.

Bonito, pensou Emma, e feliz. E quando introduziu o suporte na jarra de vidro baixa, pensou: maravilhoso.

— Já só faltam quarenta e nove.

Decidiu começar o próximo depois de fazer um intervalo.

Levou os sacos de resíduos florais para os contentores de compostagem e esfregou o verde dos dedos e de debaixo das unhas no lavatório de serviço.

Para se recompensar pela manhã de trabalho, levou uma *Coca-Cola Diet* e um prato de salada de massa para o seu pátio lateral. Os seus jardins não podiam competir — ainda — com aquele que estava a criar. Mas o seu casinho feliz casara no Sul da Virgínia. *Deem-me mais algumas semanas*, pensou, satisfeita por ver os rebentos verdes dos bolbos de primavera, a folhagem refrescante das perenes.

A neve da noite anterior era apenas uma recordação, sob aqueles céus azuis e as temperaturas quase balsâmicas.

Avistou Parker com um grupo de pessoas — um dos clientes potenciais do dia a fazer a sua visita guiada —, atravessando um dos terraços em direção à casa principal. Parker apontava a pérgula e o roseiral. Os clientes teriam de imaginar a abundância de rosas brancas, a luxúria das glicínias, mas Emma sabia que os canteiros que plantara com amores-perfeitos e pervinca já constituíam um espetáculo. No lago, salpicado de nenúfares, os salgueiros reverdeciam.

Perguntou-se se os futuros noivos teriam um dia uma florista atarefada a criar cinquenta ramos para comemorar as suas bodas de ouro. Teriam filhos, netos e bisnetos que os amassem o suficiente para lhes proporcionarem essa celebração?



Com um pequeno estalido dos músculos que lhe doíam do exercício e do trabalho matinal, pousou os pés na cadeira em frente da sua, ergueu o rosto para o Sol e fechou os olhos.

Sentiu o cheiro da terra, o aroma pungente da matéria vegetal, ouviu um pássaro chilrear, exprimindo o prazer que aquele dia lhe dava.

— Tens de deixar de trabalhar como uma escrava.

Ela deu um salto — teria adormecido? — e piscou os olhos para Jack. Com o cérebro vazio, observou-o a tirar uma espiral de massa do seu prato e a comê-la.

— Está boa. Tens mais?

— Quê? Oh, santo Deus! — Em pânico, viu as horas e suspirou de alívio. — Devo ter passado pelas brasas, mas só por uns minutos. Tenho de fazer quarenta e nove ramos de flores.

Ele juntou as sobrancelhas sobre os olhos cinza.

— Vão ter um casamento com quarenta e nove noivas?

— *Hum*, não. — Ela sacudiu a cabeça para limpar as teias de aranha. — Umhas Bodas de Ouro com uma recriação do ramo da noiva por cada ano. Que fazes aqui?

— Preciso do meu blusão.

— Ah, certo. Desculpa ter-me esquecido de te devolver ontem à noite.

— Não faz mal. Tinha uma reunião para estes lados. — Tirou mais uma massinha. — Tens mais disto? Não almocei.

— Tenho, claro. Devo-te um almoço, no mínimo. Senta-te, vou arranjar-te um prato.

— Aceito, e não digo que não a uma injeção de caféina. Quente ou fria.

— Tudo bem. — Examinando-o, Emma ajeitou os cabelos que se escapavam dos ganchos. — Pareces um pouco cansado.

— Tive uma manhã atarefada. E tenho de visitar outra obra daqui a quarenta e cinco minutos. Ficavas no caminho...

— Muito conveniente. Volto já.

Era verdade que estava cansado, pensou Jack, estendendo as pernas. Não tanto do trabalho nem do frente a frente com um inspetor essa manhã, que aliás teria enfrentado muito melhor se não estivesse com falta de sono. Porém, passar a noite a virar-se de um lado para o outro, tentando bloquear sonhos eróticos com uma menina de olhos à espanhola, cansaria qualquer um.

Por isso, claro que tinha de se comportar como estúpido e masoquista e passar por ali com a desculpa do blusão.

Quem poderia saber que ela ficava tão *sexy* a dormir ao sol?

Agora, que já sabia, os seus sonhos não se tornariam mais fáceis.

O que havia a fazer era ultrapassar aquilo. Tinha de marcar um encontro com uma loira ou uma ruiva qualquer. Vários encontros com várias loiras e/ou ruivas até pôr Emma novamente na lista de PROIBIDA A PASSAGEM.

Que era o lugar dela.

Ela saiu, com o blusão no braço e um tabuleiro nas mãos.

Ele olhou-a e achou que ela tinha o género de beleza que deixava um homem sem palavras. E, quando ela sorriu, foi como se tivesse sido atingido por um raio.

Tentou construir mentalmente uma tabuleta a dizer «Proibida a Passagem».

— Tenho pão de azeitonas da minha tia Terry — anunciou Emma. — É fantástico. Optei pela cafeína fria.

— Serve perfeitamente. Obrigado.

— De nada. É agradável ter companhia durante uma pausa. — Voltou a sentar-se. — Em que trabalhas agora?

— Algumas coisas ao mesmo tempo. — Provou o pão. — Tinhas razão, é fantástico.

— É a receita secreta da tia Terry. Disseste que estavas a trabalhar perto daqui...

— Alguns trabalhos. Aquele para onde vou agora é do género que nunca acaba. A cliente começou, há dois anos, por querer uma remodelação na cozinha, que se transformou na renovação completa da casa de banho principal e que agora inclui uma banheira japonesa, um *jacuzzi* e um duche de vapor suficientemente grande para seis amigos.

Emma franziu as sobrancelhas para aqueles olhos maravilhosos e depois mordiscou um pouco de massa.

— Caprichosa.

— Esperava que me pedisse também uma piscina interior, mas ela voltou a atenção para o exterior. Decidiu que queria uma cozinha de verão ao lado da piscina. Viu numa revista e acha que não pode viver sem ela.

— Como é que alguém pode?

Ele sorriu e comeu.

— Ela tem vinte e seis anos. O marido tem cinquenta e oito, e gosta de lhe satisfazer todos os caprichos. E se ela os tem!

— Aposto que ele a ama e, se pode pagar, porque não fazê-la feliz?

Jack limitou-se a encolher os ombros.

— Por mim tudo bem. Paga-me as cervejas e os nachos.

— És cínico. — Apontou-lhe o garfo antes de continuar a comer a massa. — Vês a mulher como a boazona-troféu e o tipo como o cretino de meia-idade.

— Aposto que é essa a opinião da ex-mulher dele, mas eu apenas os vejo como clientes.

— Acho que a idade não deve ter importância quando se trata de amor ou casamento. O que importa é o facto de serem duas pessoas e aquilo que sentem uma pela outra. Talvez ela o faça sentir jovem e vivo, tenha desencadeado qualquer coisa nova dentro dele. Se fosse só sexo, porque se daria ao trabalho de casar com ela?

— Digo-te só que uma mulher com a aparência dela tem um grande poder de persuasão.

— É possível, mas já organizámos aqui muitos casamentos em que a diferença de idades era significativa.

Jack abanou o garfo e depois espetou-o na massa, imitando o gesto dela.

— Uma festa de casamento e o casamento não são a mesma coisa.

Emma recostou-se e tamborilou os dedos na mesa.

— Tens razão, mas a boda é o prelúdio, é o princípio simbólico e ritual do casamento, por isso...

— Casaram em Las Vegas.

Jack continuou a comer, de expressão vazia, enquanto ela tentava não se rir.

— Há muita gente que casa em Las Vegas. Isso não significa que não possam passar juntos muitos anos felizes e satisfatórios.

— Por um tipo vestido de Elvis.

— Bem, agora estás a inventar. Mesmo que não estivesses, esse género de escolha mostra sentido de humor e capacidade de se divertirem, o que, para mim, são dois elementos importantes no sucesso de um casamento.

— Safaste-te bem. Excelente massa. — Olhou para o sítio onde Parker se sentara, no terraço principal, com os potenciais clientes. — O negócio parece estar a correr bem.

— Cinco eventos esta semana aqui, e uma despedida de solteira que organizámos noutra local.

— Estarei aqui no evento de sábado à noite.

— Amigo da noiva ou do noivo?

— Do noivo. A noiva é um monstro.

— Santo Deus, é mesmo. — Emma recostou-se e riu. — Trouxe-me uma fotografia do ramo de flores da melhor amiga dela. Não que quisesse que eu o copiasse, certamente que não. O dela é de um estilo completamente diferente, mas contou as rosas e avisou que, no ramo dela, queria pelo menos mais uma... e avisou-me de que as contaria.

— Sem dúvida que o fará. E posso garantir-te que, por melhor trabalho que faças, encontrará um defeito.

— Sim, já percebemos. São os ossos do ofício. Temos anjos, monstros e tudo o que existe no meio. Mas hoje não tenho de pensar nela. Hoje é um dia bom.

Jack sabia que ela falava a sério. Parecia descontraída e tinha um brilho a rodeá-la. Aliás, como era costume.

— Porque tens cinquenta ramos para fazer?

— Sim, e por saber que a senhora que faz cinquenta anos de casamento os vai apreciar. Cinquenta anos de casamento, consegues imaginar?

— Não consigo imaginar cinquenta anos de nada.

— Isso não é verdade. Deves imaginar que aquilo que constróis dura cinquenta anos. De preferência, muito mais.

— Tens razão — concordou ele. — Mas trata-se de construção.

— O casamento também. É construção de vidas. Exige trabalho, cuidado, manutenção. E o nosso casal prova que é possível. E agora tenho de voltar ao trabalho. O intervalo acabou.

— Para mim também. Eu levo isto para dentro. — Pôs a loiça no tabuleiro e pegou nele quando ambos se puseram de pé. — Hoje trabalhas sozinha? Onde estão os teus duendes?

— Estarão aqui amanhã. E será o caos, quando começarmos a arranjar as flores para os eventos do fim de semana. Hoje sou só eu, cerca de três mil rosas e uma abençoada tranquilidade. — Abriu-lhe a porta.

— Três *mil*? A sério? Vão-te cair os dedos.

— Tenho dedos muito fortes. E, se precisar, uma das outras virá um par de horas ajudar a arrancar os espinhos.

Jack pousou o tabuleiro na bancada da cozinha, pensando, como sempre acontecia, que a casa dela cheirava a prado.

— Boa sorte. Obrigado pelo almoço.

— De nada. — Acompanhou-o até à porta, onde ele se deteve.

— E o teu carro?

— Oh, a Parker deu-me o nome de um mecânico. Kavanaugh's, é a oficina. Vou telefonar-lhe.

— Ele é bom. Telefona-lhe depressa. Vemo-nos no sábado.

Enquanto se dirigia ao carro, imaginava-a a voltar para as suas rosas. Imaginava-a sentada, durante horas, embebida no seu aroma, tirando os espinhos dos caules e depois... fazendo o que quer que ela fazia para as mulheres que cometiam a asneira de casar levarem.

E pensou no aspeto dela quando chegara, sentada ao sol, de rosto erguido, olhos fechados, aqueles sedutores lábios ligeiramente abertos, como se sonhasse com algo de muito agradável. Todo aquele cabelo amarrado em cima e finos pendentos de prata nas orelhas.

Pensara, por um momento breve mas intenso, inclinar-se para ela e

cobrir-lhe a boca com a sua. Podia ter assumido um tom de brincadeira, ter dito uma piada qualquer acerca da Bela Adormecida. Emma tinha sentido de humor, teria achado graça.

Porém, também tinha mau feitio, cogitou. Embora não o demonstrasse muitas vezes.

De qualquer maneira, não importava, recordou-se, pois deixara passar a oportunidade. O bando de loiras e ruivas era uma ideia melhor que coçar aquela comichão cada vez mais irritante relacionada com Emma.

Amigos eram amigos, amantes eram amantes. Pode-se transformar um amante em amigo, mas quando se tornava um amigo em amante, o terreno era perigoso.

Estava quase a chegar à obra quando reparou que se esquecerera do blusão no pátio.

— Merda. *Merda.*

Era como um daqueles idiotas que deixava deliberadamente qualquer coisa em casa de uma mulher para ter uma desculpa de lá voltar e tentar marcar pontos. E não fora nada disso.

Ou fora?

Merda. Se calhar, fora.

## CAPÍTULO QUATRO



Às duas e cinquenta de sábado, Emma alinhara as suas tropas para transformarem as salas do casamento matinal, de temática caribenha, naquele evento a que ela, secretamente, chamava Paris Explode.

— Vai tudo. — Emma pôs-se em bicos de pés nos ténis. — A noiva quer todos os cestos, jarras e centros de mesa que sobraram. Vamos ajudá-los a carregar o que não foi dado aos convidados. Beach e Tiffany, tirem as grinaldas e as coroas, do interior e do exterior. Comecem pelo pòrtico, depois venham andando para dentro. Tink, tu e eu vamos começar as alterações no salão. Quando o pòrtico estiver pronto para ser decorado, avisem-me. As suites do noivo e da noiva já foram decoradas de novo. A noiva chegará às três e meia para arranjar o cabelo e fazer a maquilhagem, vestir-se e tirar fotografias na sua suite. Precisamos que a entrada, o *foyer* e a escadaria estejam prontos às três e vinte, e o salão às quatro. Os terraços, a pérgula e os pátios, às quatro e quarenta e cinco. O salão de baile deve estar pronto às cinco e quarenta e cinco. Se precisarem de mais alguém, chamem-me, ou à Parker. Ao trabalho.

Com Tink a seu lado, Emma partiu como uma bala. Sabia que Tink era de confiança quando queria — o que significava cerca de setenta e cinco por cento do tempo. Porém, bastava mostrar-lhe ou explicar-lhe as coisas uma vez. Era uma florista talentosa, mais uma vez, quando queria. E era, na opinião de Emma, quase sobrenaturalmente forte.

Magra e tonificada, o cabelo negro brilhante, com um corte selvagem

e liberalmente manchado de cor-de-rosa para a primavera, Tink atacou a decoração da lareira como um remoinho.

Removeram peças, guardaram-nas em caixas, arrastaram, levantaram e puxaram, velas de manga-laranja e espuma branca, grinaldas de buganvílias, vasos de fetos e palmeiras.

Tink puxou a pastilha elástica sem a qual não passava e torceu o nariz de maneira que a argola de prata que aí usava cintilou.

— Se as pessoas querem palmeiras e essas merdas, porque não vão logo para a praia?

— Se o fizessem, não nos pagariam para recriarmos a praia.

— Tens razão.

Quando recebeu o sinal, Emma abandonou o salão e foi para o pórtico. Entrelaçou, revestiu e engrinaldou quilómetros de tule branco, hectares de rosas brancas para criar um caminho de entrada majestoso para a noiva e os seus convidados. Vasos coloridos de hibisco e orquídeas deram lugar a enormes urnas brancas repletas de uma floresta de lilases.

— Noiva e noivo um e todos os convidados saíram — disse-lhe Parker. Vestia um fato simples, cinzento, tinha o *BlackBerry* numa mão, o *beeper* preso ao bolso e o auricular pendurado. — Santo Deus, Emma, está fantástico.

— Sim, está-se a compor. Ela resistiu aos lilases, era uma flor demasiado simples, na opinião da Noiva Monstra, mas arranjei uma fotografia que a convenceu. — Deu um passo atrás e acenou com a cabeça.

— Ok. Está excelente.

— Ela chega daqui a vinte minutos.

— Estará tudo pronto.

Emma correu para a escadaria, onde Tink e Tiffany trabalhavam. Mais tule, mais rosas brancas, entrelaçadas com luzinhas coloridas, com longas grinaldas de rosas de trinta em trinta centímetros. Perfeito.

— Muito bem, Beach, arranjos da entrada e da mesa de presentes. Podemos também arrastar as primeiras peças do salão grande.

— Posso emprestar-te o Carter. Recrutei-o para trabalhar no salão de baile, mas posso dispensar-to.

— Que conveniente, a Mac estar comprometida com um tipo forte e de boa vontade. Aceito.

Com a ajuda do ágil Carter e da pequena mas robusta Beach, Emma transportou vasos, jarras, cestos, verdura, grinaldas, coroas e velas.

— A mãe da noiva está a chegar. — A voz de Parker soou no auricular de Emma, fazendo-a gemer. A Noiva Monstra.

Deu os retoques finais na pedra da lareira, vistosa com as velas branco e prata, rosas brancas e lisiantos lilases, antes de ir numa corrida fazer os arranjos exteriores.

Colocou mais lilases em urnas, acartou enormes cestos de prata cheios de lírios de água púrpura e brancos, pendurou cones de flores de onde pendiam fitas prateadas nas cadeiras do corredor, forradas a branco, e bebeu água como se estivesse a morrer.

— Caramba, é o melhor que consegues fazer?

Esfregando o fundo das costas dolorido, Emma virou-se para Jack.

Este tinha as mãos nos bolsos de um fantástico fato cinzento, os olhos protegidos do sol resplandecente por *Oakleys*.

— Bem, ela queria as coisas simples.

Ele riu e abanou a cabeça.

— Está fantástico, tem uma espécie de sofisticação francesa.

— Sim. — Ela apontou-lhe um dedo. — Era exatamente o meu plano. Espera! — O pânico saltou-lhe no peito como um *terrier* atrás de um osso. — Que fazes aqui? Que horas são? Não podemos estar assim tão atrasadas. A Parker... — interrompeu-se quando viu as horas. — Oh, graças a Deus. Vieste muito adiantado.

— Sim. A Parker disse ao Del que, como eu vinha, podia aparecer mais cedo e dar uma mão. É para isso que estou aqui.

— Vem comigo. Tink! Preciso de ir buscar os ramos. Preciso de uns dez minutos para acabar e depois começo no salão de baile.

— A postos.

— Podes ajudar-me a carregar. Vou buscá-los agora — disse para o auricular. — Oh, mete-lhe um *Xanax* no champanhe, Parker. Não consigo ser mais rápida. Dez minutos. Pede à Mac para a empatar.

Já a correr, dirigiu-se à carrinha que usava para os transportes e saltou para trás do volante.

— Fazes isso muitas vezes? — perguntou Jack. — Drogar a noiva?

— Nunca o fazemos, embora por vezes nos apeteça. É, francamente, seria um favor para toda a gente. Esta quer o seu ramo e quere-o agora porque, se não o *amar*, será um sarilho dos diabos. A Laurel disse-me hoje de manhã que a Mac lhe contou que a NM fez a cabeleireira chorar e teve uma briga com a dama de honor. A Parker pacificou tudo, claro.

— NM?

— Pensa — sugeriu Emma, saltando da carrinha para correr para o ateliê.

Ele pensou enquanto a seguia.

— Nojo de Mulher? Noiva Má? Não, Noiva Monstra.

— Certo! — Abriu a porta do frigorífico. — Tudo o que está do lado direito é para ir. Um ramo de rosas em cascata, doze, conta doze ramos para as acompanhantes. — Deu uma palmadinha numa das caixas. — Sabes o que é isto?



— Um ramo. Uma coisa a atirar para o púrpura. Bastante bonito, na verdade. Nunca tinha visto nada disso.

— É uma couve.

— Estás a brincar.

— Uma couve ornamental multicolor, púrpura e verde. As cores da noiva são o púrpura e o prata. Usámos muitos tons de prata e tons desde o orquídea pálido ao púrpura-escuro, com muito branco e verde nos arranjos.

— Caramba! Couve nos ramos. Não lhe disseste o que é, pois não?

— Só depois de ela se apaixonar por eles. Muito bem, ramos, pregadeiras, ambas as almofadas de cheiro, ela tem duas meninas das flores, duas coroas de rosas brancas e alfazema, e as jarras de suporte. Verificado, verificado e mais que verificado. Vamos carregá-las.

— Nunca te fartas de flores? — perguntou Jack enquanto levavam os ramos dentro de caixas.

— Não, nem pensar. Sentes o cheiro da alfazema? Destas rosas?

— É impossível não o sentir, dadas as circunstâncias. Então, imagina que um tipo te convida para sair. É um primeiro encontro, ou um momento especial, e ele traz-te flores. Que dizes? Oh, flores. Fantástico.

— Pensaria que era muito atencioso. Caramba, todos os músculos do meu corpo estão a suplicar por um copo de vinho e um banho quente. — Esticou as costas quando Jack fechou as portas da bagageira. — Muito bem, vamos deslumbrar a Noiva Monstra. Oh, espera. O teu blusão, o que me emprestaste. Está lá dentro.

— Levo-o depois. Então, ela conseguiu mais uma rosa que a amiga?

Emma não percebeu logo, depois lembrou-se do que lhe contara.

— Tem mais dez. Far-me-á vénias antes de eu acabar o trabalho. Sim, Parker, sim. Estou a caminho. — Enquanto falava, o *beeper* soou. — Que é agora? Consegues ler? Não lhe consigo pegar enquanto conduzo, está preso à minha saia, mesmo debaixo do casaco, do teu lado.

Ele levantou-lhe a ponta do casaco e, ao virar o aparelho para si, roçou-lhe os dedos na pele, mesmo por cima da cintura. Ela pensou, *Uh-oh* e não tirou os olhos da estrada.

— Diz MANM! Mac.

— MANM? — Os dedos dele continuavam por cima da sua cintura, algo que a distraía. — Ah, Morte À Noiva Monstra.

— É para responder? Com sugestões acerca do método, talvez?

Emma conseguiu sorrir.

— Desta vez não, obrigada.

— Bonito casaco — disse ele, voltando a ajeitá-lo.

Ela travou diante da casa.

— Se me ajudares a levar isto para cima, não conto à Parker nem te

ralho quando fugires para o salão para beber uma cerveja antes do casamento.

— Combinado.

Carregaram as caixas para o *foyer*. Ele deteve-se por momentos e examinou o espaço.

— Fizeste um bom trabalho. Se ela não te fizer vénias, ainda é mais idiota do que eu pensava.

— Chiu. — Emma reprimiu uma gargalhada e revirou os olhos. — Nesta altura, podem estar por perto pessoas da família ou amigos.

— Ela sabe que não a suporto. Já lho disse.

— Oh, Jack. — Desta vez ela riu mesmo, subindo apressadamente as escadas. — Não digas nem faças nada que a irrite. Considera a Ira de Parker antes de falares.

Emma equilibrou a caixa que levava e abriu a porta para a suite da noiva.

— Aí está você, finalmente! Emmaline, como quer que tire os meus retratos oficiais sem o meu ramo? Agora estou com os nervos em franja! Sabia que eu o queria ver a tempo de poder fazer quaisquer alterações necessárias. Sabe que horas são? Sabe?

— Desculpe. Não ouvi uma palavra do que disse. Estou perplexa. Whitney, está espetacular!

Essa parte, pelo menos, era verdade. Com quilómetros de saia, um universo de pérolas e contas a brilhar no véu, o corpete e o cabelo loiro com madeixas mais escuras apanhado no cimo da cabeça e coroadado por uma tiara, a Noiva Monstra estava magnífica.

— Desculpe, mas tenho estado um destroço, preocupada com o ramo. Se não estiver perfeito...

— Acho que é exatamente aquilo que pretendia. — Cuidadosamente, Emma ergueu a cascata maciça de rosas brancas. Teve um sobressalto mental quando os olhos da noiva se arregalaram, mas manteve o tom profissional. — Alterei ligeiramente a temperatura para as rosas estarem parcialmente abertas. E pus só uns laivos de verde e umas contas de prata para destacar os botões. Sei que tinha falado em longas fitas prateadas mas, sinceramente, acho que roubariam o destaque às flores e à forma. Mas não demoro nada a acrescentá-las, se ainda as quiser.

— A prata acrescentaria um brilho, mas... Talvez tenha razão. — Estendeu a mão para segurar o ramo.

Junto dela, a mãe da noiva juntou as mãos como se orasse e levou-as aos lábios.

Era sempre um bom sinal.

Whitney voltou-se e mirou-se no espelho de corpo inteiro. E sor-

riu. Emma pôs-se a seu lado para lhe sussurrar ao ouvido. E o sorriso alargou-se.

— Pode contá-las mais tarde — sugeriu Emma. — Agora entrego-a à Mac.

— Vamos tentar aqui, entre as janelas, Whitney. A luz é maravilhosa. — Mac ergueu o polegar para Emma por trás das costas da noiva.

— Minhas senhoras — disse Emma. — É a vossa vez.

Distribuiu ramos, ramalhetes, dispôs as jarras de suporte e depois pôs a mãe do noivo a cuidar das almofadas de cheiro e das meninas das flores.

Voltou a sair, olhando de lado para Jack.

— Uau!

— O «Talvez tenha razão», vindo dela, é uma vénia.

— Eu compreendi. Posso continuar sozinha, vai beber a tal cerveja. O Carter anda por aí, podes corrompê-lo.

— Bem tento, mas ele é um osso duro de roer.

— Pregadeiras — disse ela, já novamente em movimento. — Depois tenho de verificar o salão de baile. — Viu as horas. — Estamos pontuais, por isso obrigada. Estaria atrasada se não me tivesses ajudado a carregar e transportar.

— Eu posso levar as pregadeiras para cima. Dar-me-á uma oportunidade de ver o Martin e fazer umas piadas grosseiras sobre grillhetas.

— Boa ideia, faz isso. — Como lhe poupava algum tempo, optou por atravessar o salão grande até ao terraço.

Satisfeita depois de ter feito algumas alterações, subiu para o salão de baile, onde a sua equipa já trabalhava. Emma arregaçou as mangas e lançou-se ao trabalho.

Enquanto ela trabalhava, Parker, pelo auricular, ia fazendo atualizações periódicas e começou a fazer a contagem decrescente.

*Os convidados já estão a entrar. A maioria está sentada ou no terraço. As fotografias formais antes da cerimónia estão completas, a Mac vai para aí. Os avós serão acompanhados dentro de dois minutos. Vou levar os rapazes para baixo. Laurel, prepara-te para a passagem.*

— Recebido — disse Laurel secamente. — Emma, o bolo está montado e pronto para a decoração da mesa.

*Os rapazes passaram para a Laurel, anunciou Parker um momento depois, enquanto Emma terminava uma bancada de hortênsias. A mãe do noivo é acompanhada pelo irmão do noivo dentro de um minuto. A mãe da noiva está no terraço, o acompanhante é o irmão da noiva. Os acompanhantes estão a formar fila. A música muda quando avisar.*

Emma voltou para as portas de entrada, fechou os olhos por dez se-

gundos e depois abriu-os para absorver a totalidade do espaço. Inspirou e expirou.

*Paris Explode*, pensou, *mas fá-lo em grande luxo*. Brancos, pratas, púrpuras, toques de verde para fazer tudo destacar-se e brilhar sob um perfeito céu de abril. Observou o noivo e a sua comitiva ocuparem os seus lugares diante de uma pérgula a sufocar de flores.

— Meninas, somos as maiores. Somos *matadoras*! Acabaram, vão até à cozinha comer e beber.

Sozinha, fez um último percurso pela sala enquanto Parker mandava os acompanhantes avançarem, um a um. Depois suspirou, esfregou a nuca e as mãos. E foi calçar os saltos altos enquanto Parker mandava a noiva avançar.

Jack não percebia como é que elas conseguiam sempre. De vez em quando, era recrutado para ajudar. Arrastar, carregar, atender no bar, servir às mesas, se fosse absolutamente necessário. Como o pagamento era, invariavelmente, em comida ótima, bebidas e música, ele não se importava.

Mas continuava sem perceber como é que elas conseguiam organizar aquilo tudo.

Parker conseguia estar sempre em todo o lado ao mesmo tempo e, de modo tão subtil, que ele desconfiava que ninguém se apercebia de que ela podia ajudar o padrinho com os brindes num momento e no seguinte a dar um pacote de lenços de papel à mãe da noiva, ao mesmo tempo que coordenava o serviço de refeições do salão grande, como um general coordenaria as tropas durante a batalha.

Mac também aparecia em todo o lado e era igualmente discreta, tirando fotos informais dos acompanhantes ou dos convidados, ou pondo os noivos em pose para uma foto rápida.

Laurel entrava e saía, dava instruções, ao que parecia, através dos auriculares que todas usavam, ou com qualquer género de linguagem gestual. Talvez fosse telepatia, não descartava essa hipótese.

E Emma, claro, sempre a postos quando um convidado entornava vinho na toalha da mesa, ou quando o menino das alianças, aborrecido, começava a beliscar uma das meninas das flores.

Duvidava que alguém notasse ou compreendesse que havia quatro mulheres literalmente a fazer com que tudo corresse sobre rodas, fazendo malabarismos com as bolas todas e passando-as graciosa e talentosamente umas às outras.

Tal como imaginava que ninguém conhecia a logística e o *timing* perfeito que envolvia conduzir os convidados do salão grande para o salão de

baile. Deixou-se ficar por ali enquanto Emma e a sua equipa, assim como Laurel, se aglomeravam junto da mesa principal, reunindo ramos e jarras.

— Precisas de ajuda? — perguntou-lhe.

— Hum? Não, obrigada. Está tudo controlado. Tink, seis de cada lado e os cestos na ponta. Tudo o resto fica aqui por duas horas, antes de os arrumarmos e levarmos. Beach, Tiff, apaguem as velas, deixem metade das luzes de teto.

— Posso fazer isso — disse Tink quando Emma pegou no ramo da noiva.

— Uma rosa estragada e a noiva passa ao ataque. É melhor cortar a minha garganta que a tua. Vamos, a primeira dança está a começar.

Enquanto as flores subiam pelas escadas das traseiras, Jack dirigiu-se à sala principal. Introduziu-se no salão de baile a meio da primeira dança oficial. Os noivos tinham escolhido «I Will Always Love You», que lhe pareceu gasto e demasiado orquestrado, enquanto as pessoas assistiam de pé no salão afogado em flores ou se sentavam nas mesas estrategicamente dispostas em torno da pista de dança.

As portas do terraço estavam abertas, convidando os presentes a ir até lá fora. Pensou em fazer exatamente isso, assim que arranjasse um copo de vinho.

Quando viu Emma voltar a sair, alterou ligeiramente os planos. Desceu pelas escadas das traseiras, mas levava dois copos de vinho.

Emma estava sentada no segundo degrau e saltou como uma mola quando ouviu passos.

— Ah, és tu. — Voltou a sentar-se no degrau.

— Sou eu, com vinho.

Ela suspirou e rodou a cabeça.

— Aqui na Votos não gostamos de beber em trabalho. Mas... Dou um sermão a mim mesma amanhã. Dá cá.

Ele sentou-se a seu lado e deu-lhe o copo.

— Que tal está a correr?

— Eu é que devia perguntar. És convidado.

— Do ponto de vista do convidado, está fantástico. Tudo está bonito, sabe bem, cheira maravilhosamente. As pessoas estão a divertir-se e não fazem ideia de todo o trabalho em progresso, num *timing* tão perfeito que faria um maquinista de comboios suíço chorar de admiração.

— É exatamente o que queremos. — Ela bebeu o vinho e fechou os olhos. — Meu Deus, é bom.

— Como se está a portar a NM?

— Na verdade, não muito mal. É difícil ser resmungona quando toda a gente te diz que estás linda e como se sentem felizes por ti. Contou mesmo

as rosas do ramo, e isso deixou-a feliz. A Parker suavizou um par de crises potenciais e Mac conseguiu mesmo um aceno de aprovação pelas fotos dos noivos. Se o bolo e a mesa de sobremesas da Laurel forem aprovados, diria que atingimos todos os objetivos.

— A Laurel fez aqueles *crème-brûlés* pequeninos?

— Fez.

— Vocês são preciosas. Há muitos elogios às flores.

— A sério?

— Ouvi mesmo alguns gritinhos afogados, no bom sentido.

Ela rodou os ombros.

— Quer dizer que tudo valeu a pena.

— Espera.

Jack subiu mais um degrau, segurou-a por trás e mergulhou-lhe os dedos nos ombros.

— Não precisas de... Esquece. — Encostou-se às mãos dele. — Continua.

— Parece que tens aqui cimento, Emma.

— Tenho aqui uma semana de cerca de sessenta horas de trabalho.

— E três mil rosas.

— Se acrescentarmos os outros eventos, podes duplicar esse número.

Percorreu-lhe a nuca com os polegares, fazendo-a gemer. Quando o seu estômago se enrolou em resposta, percebeu que não estava a fazer favor nenhum a si próprio.

— E como correu a celebração das Bodas de Ouro?

— Foi maravilhoso, verdadeiramente maravilhoso. Quatro gerações.

A Mac tirou algumas fotos ótimas. Quando o casal dançou a primeira música, não havia ninguém na sala com os olhos secos. Foi um dos meus eventos favoritos de sempre.

Ela suspirou de novo.

— Tens de parar com isso. Entre o vinho e as tuas mãos mágicas, acabarei a dormir uma soneca aqui nas escadas.

— Ainda não acabaste?

— Nem por sombras. Tenho de ir buscar o ramo para atirar, ajudar com os bolos. Depois há as bolinhas de sabão, que esperamos fazer lá fora. Dentro de uma hora, vamos começar a desmontar a decoração do salão grande, a guardar em caixas os centros de mesa e os arranjos.

Ficou com a voz um pouco rouca, um pouco sonolenta, quando ele lhe massajou o pescoço.

— *Hum...* temos de carregar tudo isto e os presentes. Remover os arranjos do exterior. Como amanhã à tarde temos um evento, também precisamos de arrumar o salão de baile.

Ele torturou-se, baixando-lhe as mãos pelos bíceps e de volta aos ombros.

— Nesse caso, devias relaxar enquanto podes.

— E tu devias estar lá em cima, a desfrutar da festa.

— Gosto de estar aqui.

— Também eu, por isso és uma má influência, com o teu vinho e as tuas massagens de escada. Tenho de voltar para cima, substituir a Laurel na patrulha. — Deu-lhe uma palmadinha na mão antes de se levantar. — Cortamos o bolo em trinta minutos.

Jack pôs-se de pé quando Emma começou a andar.

— Que género de bolo?

Ela deteve-se, virou-se e acabou por ficar à altura dele. Os seus olhos, aqueles olhos profundos de veludo, pareciam tão sonolentos quanto a sua voz.

— Ela chama-lhe a sua Primavera Parisiense. É de um alfazema azul-pálido, coberto de rosas brancas, raminhos de lilases, com aquela fita de chocolate de leite e...

— Referia-me ao interior.

— Oh, é a genovesa de chocolate com merengue italiano. Não podes perdê-lo.

— É capaz de ganhar ao *crème-brûlée*. — Ela cheirava a flores, mas ele não sabia dizer a quais. Era um ramo misterioso e luxuriante. Os seus olhos eram escuros, suaves e profundos, e a sua boca... Não saberia tão bem como o bolo da Laurel?

Para o diabo com aquilo tudo.

— Bem, como isto com certeza não é apropriado, peço desculpa antecipadamente.

Voltou a segurá-la pelos ombros e aproximou-a dele. Aquelos olhos escuros, suaves e profundos arregalaram-se de surpresa um instante antes de os seus lábios tomarem os dela.

Emma não se afastou, nem se riu, como se se tratasse de uma brincadeira. Em vez disso, fez o mesmo som que fizera quando ele lhe esfregara o pescoço — apenas um pouco mais sussurrado.

Ela segurou-lhe as ancas com as mãos e entreabriu os lábios deliciosos.

Tal como o seu cheiro, o seu sabor era misterioso e essencialmente feminino. Escuro, quente e sensual. Quando as mãos dela lhe subiram pelas costas, ele tomou-a mais. Só um pouco mais.

Depois alterou os ângulos, tomou mais ainda e o prazer sussurrou-lhe na garganta.

Pensou em levá-la para cima, transportá-la até um qualquer quarto

escurecido que pudesse encontrar, para aí concluir o que fora iniciado num impulso momentâneo.

O *beeper* na cintura dela soou e ambos se sobressaltaram. Ela emitiu um som estrangulado, depois conseguiu dizer:

— Oh! Bem... — Num movimento rápido, desprende o *beeper* e olhou. — É a Parker. Tenho de ir. Tenho de... ir. — Virou-se e subiu as escadas a correr.

Sozinho, desceu novamente as escadas e terminou em dois goles o vinho que ela abandonara. Decidiu perder o resto da festa e, em vez disso, dar um passeio lá fora.

Emma sentia-se grata por o trabalho a manter demasiado ocupada para pensar. Ajudou a limpar depois de um incidente que envolveu o menino das alianças e *éclair*s de chocolate, entregou o ramo para atirar, reorganizou a mesa do bolo para facilitar o serviço e depois começou a desmontar a decoração do salão grande.

Aprontou centros de mesa e outros arranjos e supervisionou o seu transporte para os contentores apropriados.

Quando sopraram as bolinhas de sabão e a última dança terminou, deu início ao mesmo processo nos pátios e nos terraços.

Não viu Jack em lado nenhum.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe Laurel.

— O quê? Claro! Correu tudo tão bem! Estou cansada, é só isso.

— Também eu. Felizmente o evento de amanhã será muito mais leve que este. Viste o Jack?

— Quê? — Emma saltou como um ladrão que ouvisse disparar o alarme. — Porquê?

— Perdi-o de vista. Planeava suborná-lo com doces para ajudar a desmontar, mas acho que se escapou.

— Provavelmente. Não estava a prestar-lhe atenção.

*Mentirosa! Mentirosa!* Por que razão mentia à amiga? Não podia ser um bom sinal.

— A Parker e a Mac estão a despedir-se dos atrasados — comentou Laurel. — Vão fazer a verificação de segurança. Queres que te ajude a arrumar isso no lugar?

— Não, está tudo controlado.

Emma guardou os últimos restos de flores, que poria no frigorífico. A maior parte seria doada ao hospital local e, com o que sobrasse, faria pequenos arranjos para a sua casa e as das amigas.

Fechou as portas da bagageira.



— Vemo-nos de manhã.

Conduziu a carrinha para junto de casa, descarregou e levou as flores e as grinaldas para o frigorífico.

Por mais firmemente que ordenasse ao seu cérebro para se manter calmo e vazio, este continuava a abrir-se a um único pensamento.

O Jack beijara-a.

Que significava isso?

E porque haveria de significar alguma coisa?

Um beijo era apenas um beijo. Fora apenas um produto do momento, nada mais.

Preparou-se para ir para a cama, tentando convencer-se de que não era mais que isso.

Porém, quando um beijo rebentava a escala do excitómetro, era difícil descrevê-lo como «nada mais».

Era mais qualquer coisa, teve de admitir. E ela não sabia o que fazer em relação a isso. Era frustrante, porque sabia sempre o que fazer no que dizia respeito a homens, beijos e excitação. Sabia.

Meteu-se na cama dizendo a si mesma que, ainda que não fosse capaz de dormir, ficaria ali deitada no escuro até arranjar uma solução.

Afinal, por pura exaustão, adormeceu em segundos.

## CAPÍTULO CINCO



Emma trabalhou no evento de domingo e teve as suas reuniões de segunda-feira. Precisou de fazer alguns ajustes relativamente a eventos próximos, devido a mudanças de ideias das noivas.

Cancelou dois encontros com homens perfeitamente aceitáveis, com quem agora não sentia vontade de passar os serões. Preencheu esses serões fazendo o inventário e encomendando fitas, ganchos, recipientes, formas.

E a perguntar-se se devia telefonar a Jack e fazer algum comentário ligeiro e despreocupado acerca do beijo — ou se era melhor fingir que este nunca acontecera.

Alternava entre essas duas opções e uma terceira, que implicava ir a casa dele e saltar-lhe em cima. Acabou por não fazer nada, a não ser enredar-se nos próprios pensamentos.

Chateada consigo mesma, chegou cedo a uma reunião do *staff* nessa tarde. Atravessou a cozinha de Laurel, onde a amiga arranjava um prato de bolachinhas, ao lado de uma travessa de fruta e de queijo.

— Acabou-se-me a *Coca-Cola Diet* — anunciou Emma, abrindo o frigorífico para tirar uma. — E acabou-se-me praticamente tudo, porque estou sempre a esquecer-me que a bateria do meu carro está tão morta como o *Disco*.

— Já ligaste para a oficina?

— Pelo menos lembrei-me de o fazer, há uns dez minutos. Quando confessei, apertada por um interrogatório pericial feito pelo tipo, que tenho o carro há quatro anos e nunca o levei para uma revisão, que não me lem-

brava exatamente quando foi a última vez (se é que alguma vez o fiz) que mandei mudar o óleo ou o mandei inspecionar por um computador, ou lá o que é, e outras coisas de carros que agora não me lembro, ele disse que o viria buscar.

Com um ligeiro beicinho, abriu a lata e bebeu diretamente dela.

— Senti-me como se estivesse a manter o meu carro refém e ele viesse libertá-lo. Fez-me sentir ainda mais idiota do que o Jack. Quero uma bolachinha.

— Serve-te.

Emma tirou uma.

— Agora fico sem carro até ele decidir devolver-mo. Se o devolver, algo de que não estou inteiramente segura.

— Já estiveste sem carro mais de uma semana, por a bateria estar descarregada.

— Certo, mas mantinha a ilusão de ter um carro porque ele estava ali estacionado. Acho que tenho de pegar na carrinha e ir à mercearia e a mais um milhão de sítios que tenho estado a adiar. E a verdade é que estou com algum medo de o fazer, porque me lembrei de que tenho a carrinha há mais um ano que o carro. Deve ser a próxima a rebelar-se.

Laurel colocou algumas bonitas bolachinhas de açúcar colorido no tabuleiro.

— Eu sei que é uma ideia louca mas, quando recuperares o teu carro, talvez possas mandar a carrinha para a revisão.

Emma mordiscou a bolachinha.

— O tipo da oficina também alvitrou essa ideia. Preciso de conforto. Que tal um jantar e um filme esta noite?

— Não tens um encontro?

— Cancelei. Não estou com disposição.

Em choque, Laurel soprou o cabelo que lhe tapava os olhos, para poder olhá-la melhor.

— *Tu* não estás com disposição para um encontro?

— Tenho de começar a trabalhar cedo amanhã. Seis ramos atados à mão, sete, com o da noiva. São umas boas seis ou sete horas de trabalho. A Tink vem trabalhar meio dia, mas há todas as outras coisas para organizar para o evento de sexta-feira. E passei a maior parte da manhã a processar as flores.

— O que nunca antes te impediu. Tens a certeza que estás a sentir-te bem? Tens andado abatida.

— Não, estou bem. Estou ótima. Só não estou... com disposição para homens.

— Isso não pode incluir-me. — Delaney Brown acabava de entrar e

ergueu Emma do chão para lhe dar um beijo repenicado. — *Hum*. Bolachinhas de açúcar.

Emma riu.

— Come uma.

Del tirou uma bolachinha do tabuleiro e sorriu para Laurel.

— Considera-o parte dos meus honorários.

Como já o conhecia, Laurel pegou num saco com fecho e começou a enchê-lo de bolachinhas.

— Vens à reunião?

— Não, tinha só umas questões legais a tratar com a Parks.

Del avistou a cafeteira e dirigiu-se para lá.

Ele e Parker partilhavam o cabelo castanho-escuro e os olhos azuis-escuros. Aquilo a que Laurel chamaria os seus traços refinados eram apenas um pouco mais marcados no rosto dele. Com o seu fato cinzento de riscas finas, sapatos italianos e gravata *Hermès*, era o retrato perfeito do advogado de Connecticut bem-sucedido. O descendente dos Brown de Connecticut.

Com a comida preparada, Laurel desatou o avental de pasteleira e pendurou-o num gancho.

Del encostou-se à bancada.

— Ouvei dizer que deste uma lição a alguém no casamento dos Folk, no fim de semana passado.

— Conhece-los? — perguntou Emma.

— Os pais dela são meus clientes. Eu não tive o prazer, embora, pelo que o Jack diz, prazer possa ser um termo exagerado, de conhecer a nova senhora Harrigan.

— Conhecerás, quando pedirem o divórcio — disse Laurel.

— Sempre otimista!

— Ela é um pesadelo. Enviou uma lista de críticas à Parker esta manhã. Mandou um e-mail de Paris, onde está em plena lua-de-mel.

— Estás a brincar! — Emma, perplexa, ficou a olhar para Laurel de boca aberta. — O casamento foi perfeito. Foi tudo perfeito.

— O champanhe podia estar mais fresco, o serviço podia ter sido mais rápido, o céu podia estar mais azul e a relva mais verde.

— Bem, ela é uma cabra. Depois de eu lhe ter dado mais dez rosas! Não uma, mas *dez*! — Emma abanou a cabeça. — Não faz mal. Toda a gente que esteve presente, e que era um ser humano, sabe que foi tudo perfeito. Ela não o pode estragar.

— Isto é a minha menina a falar. — Del fez um brinde com o café.

— Seja como for, e por falar do Jack, viste-o ultimamente? Quero dizer, vais vê-lo em breve?

— Amanhã. Vamos à cidade, ver os Yankees.

— Talvez possas levar-lhe o blusão. Deixou-o aqui. Ou melhor, eu esqueci-me de lho dar. Seja como for, tenho aqui o blusão dele, e ele deve querê-lo. Está no meu escritório, vou lá buscá-lo.

— Eu passo por lá antes de me ir embora.

— Ótimo. É muito bom, posto que, seja como for, vais encontrar-te com ele.

— Não há problema. É melhor ir andando. — Pegou no saco e abanou-o ligeiramente junto de Laurel. — Obrigado pelas bolachinhas.

— É uma dúzia de pasteleiro e, incluindo a que comeste, ser-te-á deduzida nos honorários.

Ele sorriu-lhe e saiu.

Laurel aguardou uns segundos, depois apontou para Emma.

— Jack.

— Quê?

— Jack.

— Não — corrigiu Emma lentamente, pousando a mão no peito. — Emma. Em-ma.

— Não te armes em engraçadinha. Leio-te como um livro aberto. Disseste «Seja como for» três vezes em menos de um minuto.

— Não disse nada. — *Talvez tivesse dito.* — E daí?

— E daí, que se passa entre ti e o Jack?

— Nada. Absolutamente nada. Não sejas ridícula. — Sentiu a mentira queimar-lhe a língua. — Não podes dizer nada a ninguém.

— Se não posso dizer, é porque é alguma coisa.

— Não é nada. Provavelmente, não é nada. Estou a ter uma reação exagerada. Raios! — Emma engoliu de uma vez a meia bolacha que deixara na boca.

— Estás a comer como uma pessoa normal. Algo está errado no universo da Emma. Desembucha.

— Primeiro, jura que não dirás nada à Parker nem à Mac.

— És um osso duro de roer. — Laurel agitou um dedo diagonalmente através do peito e apontou para o teto. — Jurado.

— Ele beijou-me. Ou beijámo-nos um ao outro. Mas foi ele que começou e não sei o que teria acontecido a seguir se a Parker não me tivesse mandado um *bip*. Tive de ir, e ele foi-se embora. E foi isso.

— Espera, perdi o sentido da audição assim que disseste que ele te beijou.

— Deixa-te disso. O caso é grave. — Mordeu um lábio. — Ou talvez não seja. Será?

— Isto não é nada o teu género, Emma. Tu és uma deusa quando se trata de manejar os homens e as situações sexuais ou românticas.

— Eu *sei*. Só que desta vez é o Jack. E não devia ser... — Agitou os braços no ar. — É algo com que tenho de lidar. Estou a dar muita importância ao assunto. Foi só o momento, as circunstâncias. Só uma coisa. Está feito, por isso já não é nada.

— Emma, tu tens tendência para romantizar os homens, os relacionamentos potenciais, mas nunca ficaste corada por causa deles. E agora coraste!

— Porque é o Jack! Que acontecia se tu estivesses aqui, a fazer o teu trabalho, a fazer bolos, e o Jack aparecesse e te beijasse até à estupidificação? Ou o Del? Também corarias.

— Qualquer um deles só entra aqui para surripiar doces. Como o Del acabou de demonstrar. Quando aconteceu isso? Na noite em que ficaste empanada na estrada?

— Não, mas quase aconteceu aí também. Houve ali um instante... Acho que foi esse instante que conduziu ao que aconteceu. Foi durante o evento de sábado.

— Claro, disseste que a Parker te mandou um *bip*. Bem, e que tal foi? Que nota teve no pantenteado «excitómetro» da Emmaline Grant?

Emma suspirou e ergueu o polegar, depois percorreu com a mão uma linha imaginária. — Atingiu o topo da zona vermelha antes de partir o instrumento de medição.

De lábios franzidos, Laurel acenou com a cabeça.

— Sempre suspeitei disso em relação ao Jack. Existe uma vibração de zona vermelha em torno dele. Que vais fazer agora?

— Não sei, ainda não decidi. Isto perturbou-me. Preciso de reencontrar o meu equilíbrio e depois decidir o que fazer. Ou não fazer.

— Tens de me dizer, e também avisar-me quando a ordem de silêncio for levantada.

— Está bem mas, entretanto, nem uma palavra. — Emma pegou no tabuleiro do queijo. — Vamos portar-nos como mulheres de negócios.

A sala de conferência da Votos ficava onde outrora fora a biblioteca. Os livros continuavam lá, emoldurando a sala e cedendo o espaço, aqui e ali, a fotografias e recordações. A sala mantinha o ambiente caloroso e a sua elegância, apesar de servir para tratar de negócios.

Parker estava sentada à grande mesa com embutidos, com o *laptop* e o *Blackberry* a postos. Como já tinham acabado as reuniões matinais e as visitas guiadas com os clientes, o casaco do fato estava pendurado nas costas da cadeira. Mac sentava-se à sua frente, com as longas pernas estendidas, com as calças de ganga e a camisola que usava para trabalhar.

Quando Emma pousou o tabuleiro na mesa, Mac ergueu-se para tirar um cacho de uvas.

— Vocês estão atrasadas.

— O Del passou pela cozinha. Antes de começarmos a trabalhar, quem está disposta a um jantar e um filme esta noite?

— Eu, eu! — Mac levantou uma mão. — O Carter tem uma coisa qualquer de professor e assim escuso de ficar a trabalhar até ele voltar. Trabalhei que me fartei, hoje.

— Por acaso, a minha agenda está livre. — Laurel pousou o prato das bolachas ao lado da travessa.

Parker limitou-se a pegar no telefone fixo e a premir um botão.

— Olá, senhora G. Arranja jantar para as quatro? Ótimo, obrigada. — Desligou. — Vamos comer galinha e chorar por mais.

— Para mim, serve. — Mac mordeu uma uva.

— Muito bem, então. O primeiro ponto da ordem de trabalhos é a Whitney Folk Harrigan, também conhecida como Noiva Monstra. Como a Laurel já sabe, recebi um e-mail dela, no qual lista vários itens que, na sua opinião, podemos melhorar.

— Cabra. — Desta vez, Mac ergueu-se para barrar um pouco de queijo de cabra numa bolacha de rosmaninho. — Fizemos um trabalho dos diabos nesse evento.

— Devíamos era ter-lhe dado um pontapé no rabo — comentou Laurel.

— A Whitney julga, sem qualquer ordem de importância particular, que... — Parker abriu um dossiê para ler o e-mail que imprimira. — O champanhe não estava à temperatura adequada, o serviço durante o jantar foi lento, os jardins não tinham cor nem flores suficientes, a fotógrafa passou mais tempo do que ela considera necessário com os convidados, quando a noiva merecia mais atenção, e a oferta da mesa de sobremesas não era tão variada nem tão bem apresentada quanto ela esperava. Acrescenta que se sentiu, ora pressionada, ora negligenciada pela organizadora do evento durante algumas partes do mesmo e espera que aceitemos as críticas dentro do espírito com que estas nos são concedidas.

— Ao que eu respondo... — Mac ergueu o dedo médio.

— Sucinto — anuiu Parker. — Contudo, eu respondi agradecendo os comentários e fazendo votos para que ela e o Justin apreciem Paris.

— Graxista — murmurou Laurel.

— Podes crer. Podia ter respondido: «Querida Whitney, tens a cabeça cheia de merda.» E foi o meu primeiro impulso, mas contive-o. Contudo, promovi-a a Noiva Monstra e Cabra.

— Deve ser uma pessoa verdadeiramente infeliz. A sério — confirmou Emma, quando as amigas ficaram a olhar para ela. — Alguém que teve um dia de casamento como o que lhe proporcionámos e o desdenha,

só pode ser infeliz de nascença. Teria pena dela, se não estivesse tão furiosa. Terei pena dela, quando deixar de estar furiosa.

— Bem, pena, fúria ou que se foda, a coisa boa é que temos quatro novas visitas marcadas por causa desse evento. E espero ter mais.

— A Parker disse que se foda. — Mac sorriu e comeu mais uma uva. — Está mesmo zangada.

— Poderei ultrapassar isso, sobretudo se marcarmos mais quatro eventos em resultado do trabalho estupendo que fizemos no sábado. De momento, vou colocar a Whitney no meu recentemente concebido Armário dos Amaldiçoados, onde tudo a faz parecer gorda, todos os tecidos são às bolinhas e só pode escolher entre roxo e cor de carne morta.

— Isso é verdadeiramente cruel — comentou Laurel. — Agrada-me.

— Continuando — prosseguiu Parker. — Eu e o Del estivemos a conversar acerca de algumas questões legais e financeiras do negócio. O contrato de sociedade vai ser renovado, o que inclui a percentagem de entrada na Votos por trabalho individual em eventos externos. Se alguém quiser discutir as alterações ao acordo, incluindo as percentagens, a discussão está aberta.

— Está a funcionar, não está? — Emma relanceou as sócias. — Acho que nenhuma de nós imaginou, quando iniciámos a Votos, que construiríamos isto tudo. Não só financeiramente, o que é certamente mais do que eu teria feito até agora se tivesse aberto uma loja sozinha. Mas, Noiva Monstra e Cabra à parte, acima de tudo, a reputação que conquistámos juntas e individualmente. A percentagem é justa e o facto é que a parte que Del recebe pela propriedade é bastante inferior ao que ele podia ter pedido. Estamos todos a fazer o que amamos, com pessoas que amamos. E a ganhar bem com isso.

— Acho que o que a Emma está a dizer é: concordo! — Mac tirou outra uva. — E eu assino por baixo.

— Eu também — acrescentou Laurel. — Há alguma razão para mudar alguma coisa? — perguntou a Parker.

— Do meu ponto de vista, não, mas como o Del aconselhou, nas suas funções legais, cada uma de vocês deve reler o contrato e exprimir quaisquer reservas, quaisquer sugestões que tenham, antes da renovação.

— Sugiro que o Del elabore os documentos. Nós assinamos e depois abrimos uma garrafa de *Dom*.

Mac apontou a Emma um dedo aprovador.

— Aprovado.

— Aprovado por unanimidade — anunciou Laurel.

— Vou informá-lo. Também conversei com o nosso contabilista.

— Antes tu que eu — comentou Laurel.



— Sem dúvida. — Parker sorriu e bebeu um pouco de água. — Tivemos um primeiro trimestre forte e estamos a caminho de aumentar o nosso lucro líquido em cerca de doze por cento, relativamente ao ano passado. Aconselhou-me a reinvestir uma parte dos lucros líquidos no negócio. Por isso, se uma de vocês, ou mesmo todas, tiver uma necessidade, um capricho ou um desejo egoísta de equipamento adicional, ou ideias acerca de alguma coisa que possa ser usada por toda a empresa, podemos decidir em que gastar o dinheiro e quanto devemos gastar.

Emma levantou a mão antes de qualquer outra poder falar.

— Tenho andado a pensar nisso, principalmente depois de ter analisado os meus registos do trimestre passado. Teremos o nosso maior evento até à data na próxima primavera, com o casamento dos Seaman. Só as flores, vão ultrapassar a capacidade do meu frigorífico, e precisaríamos de alugar um por alguns dias. Acho que consigo arranjar um usado por um custo que pode ser mais prático, a longo termo, do que o alugar.

— Isso é uma boa ideia. — Parker tomou nota. — Vê os preços.

— Esta pode ser a altura — continuou Emma —, considerando esse evento e o incremento nos negócios, para comprar mais algum equipamento que habitualmente alugamos. As cadeiras de exterior adicionais, por exemplo. Assim, quando fizermos um evento no exterior, alugamo-las *nós* ao cliente e embolsamos essa taxa. E...

— Tens andado mesmo a pensar — comentou Mac.

— Pois tenho. Visto que a Mac já planeou aumentar o espaço, aumentando a sala de estar do piso superior para acomodar o amor verdadeiro, porque não aumentar ao mesmo tempo o espaço de trabalho no estúdio? Ela precisa de mais espaço de armazenamento e de uma verdadeira sala para os modelos mudarem de roupa, em vez de uma casa de banho pequenina. E, como estou com as mãos na massa, o vestíbulo à entrada da cozinha da Laurel é redundante, visto termos um à saída da cozinha principal. Se o convertêssemos, ela podia ter ali uma cozinha auxiliar, mais um forno, mais um frigorífico, mais arrumação.

— Deixemos à Emma as despesas da conversa — interrompeu Laurel.

— E a Parker precisa de um sistema informatizado de segurança, para poder supervisionar todas as áreas públicas da casa.

Parker aguardou um momento.

— Acho que gastaste várias vezes o aumento do rendimento líquido.

— Gastar dinheiro é a parte divertida de o ganhar. Parker, és tu que nos impedes de perder a cabeça. Porém, acho mesmo que devíamos fazer pelo menos algumas destas coisas e pôr outras em lista para as concretizarmos logo que pudermos.

— Devo dizer que o frigorífico faz sentido. Vê o que consegues en-

contrar. Como temos de falar com o Jack para ver como o introduzir no teu espaço, podemos pedir-lhe que nos dê ideias para aumentar o estúdio da Mac e reformar o vestíbulo.

Ia tomando notas enquanto falava.

— Já tinha pensado na compra da mobília e comecei a investigar os preços. Tenho algumas projeções, para sabermos em que ponto nos encontramos, depois podemos decidir o que faz mais sentido comprar primeiro.

Acenando com a cabeça, abriu o item seguinte da lista.

— Agora, falemos de eventos próximos que ajudarão a pagar os nossos desejos e sonhos. A cerimónia de noivado. Eles enviaram-me hoje os votos e o guião para a cerimónia. Para a cerimónia de sexta-feira à noite, depois de ter lançado uma moeda ao ar, a Allison, agora conhecida como Noiva Um, chegará às três e meia e a Marlene, agora Noiva Dois, às quatro. A Noiva Um fica com a suite da noiva, a Noiva Dois com a suite do noivo. Como partilham a dama de honor, esta andarà de uma suite para a outra. O irmão da Noiva Um é acompanhante, pelo que usaremos o salão familiar do segundo andar para ele e para o pai da noiva, se necessário. O acompanhante ficará ao lado da Noiva Um durante a cerimónia e a dama de honor ao lado da Noiva Dois.

— Espera. — Mac ergueu um dedo, enquanto introduzia as informações no *laptop*. — Ok.

— Estas senhoras sabem perfeitamente o que pretendem e não tentam mudar nada, pelo que, pela parte que me toca, foi extremamente fácil lidar com elas. A mãe da Noiva Um e os irmãos da Noiva Dois não estão particularmente felizes com a formalização deste relacionamento, mas cooperam. Mac, tens de te esforçar para que as fotografias que as clientes desejam os incluam.

— Não há problema.

— Ótimo. E as flores, Emma?

— Não querem nada convencional, mas feminino. Nenhuma quer levar ramo, então decidimo-nos por um toucado para a Allison e travessões com flores para a Marlene. Uma auréola para a dama de honor, que levará quatro rosas brancas. Durante a cerimónia, trocarão simples rosas brancas, logo depois de acenderem a vela da união. E cada uma delas oferecerá uma rosa à mãe. Os homens usarão pregadeiras com rosas brancas. Ficarà muito bonito.

Emma ia revendo os arranjos no computador enquanto bebericava a sua *Coca-Cola Diet*.

— Querem que os arranjos e os centros de mesa tenham um ar ligeiro, de prado. Vou usar muitas gipsófilas e margaridas pintadas, malmeque-

res e gerberas, ramos de cerejeira em flor, morangos silvestres, etc. Tules minimais, e estou a fazer grinaldas com correntes de margaridas. Durante a receção, haverá botões de rosas em jarras.

— Muitas luzinhas e velas no salão grande e no salão de baile, com uma continuação do aspeto natural nos arranjos. Será simples e muito doce, acho eu. Se alguma de vocês me ajudar a transportar, posso fazer a decoração sozinha.

— Eu ajudo-te — disse-lhe Laurel. — O bolo é a esponja de baunilha recheada de musse de framboesa, coberto com o merengue italiano. Também aí querem flores simples, como as da Emma. Só preciso de as acrescentar ao bolo por volta das cinco, pelo que posso ajudar à decoração. Além disso, querem bolachinhas sortidas e bolinhos de açúcar.

— Temos o itinerário padrão de sexta-feira à noite — acrescentou Parker —, excluindo o lançamento do ramo e da liga. Ensaíamos na quinta-feira à tarde e, se houver algum problema, resolvemo-lo nessa altura. Passemos a sábado.

Sempre que Emma pensava nos pais, na maneira como se tinham conhecido e apaixonado, era como se estivesse a assistir a um conto de fadas.

Era uma vez uma rapariga de Guadalajara que atravessara o continente até à grande cidade de Nova Iorque, para trabalhar no negócio do tio, cuidando das casas e das crianças das pessoas que queriam as suas casas e as suas crianças cuidadas. Mas Lucia ansiava por outras coisas, uma casinha bonita, em vez de um apartamento barulhento, árvores e flores, em vez de alcatrão. Trabalhava arduamente e sonhava com o dia em que teria o seu próprio lar e, talvez, uma lojinha, onde venderia coisas bonitas.

Um dia, o tio falou-lhe de um homem que conhecia, que vivia a quilómetros de distância, num lugar chamado Connecticut. O homem perdera a esposa, e o seu filhinho pequeno não tinha mãe. O homem saía da cidade em busca de uma vida mais tranquila e, quem sabe, pensou Lucia, porque as memórias eram demasiado dolorosas na casa que partilhara com a mulher. Como ele escrevia livros, precisava de um lugar tranquilo e, viajando frequentemente, precisava de alguém de confiança para ficar com o menino. A mulher que o fizera durante os três anos a seguir à triste morte, queria voltar para Nova Iorque.

Então, Lucia deu um grande salto e trocou a cidade pela mansão de Phillip Grant e do seu filho, Aaron.

O homem era belo como um príncipe e ela percebeu que amava o filho. Porém, a tristeza dos seus olhos tocou-lhe o coração. A criança sofrera tantas mudanças em quatro anos de vida que ela compreendeu a sua

timidez com ela. Fazia as refeições e cuidava da casa e de Aaron enquanto o homem escrevia o seu livro.

Ela apaixonou-se pelo menino, e este por ela. Aaron nem sempre se portava bem, mas Lucia ficaria triste se isso acontecesse. Ao serão, conversava muitas vezes com Phillip acerca do menino, ou de livros, ou de assuntos banais. Sentia a falta dessas conversas — sentia a falta dele — quando partia em viagens de trabalho.

Em certos momentos, olhando pela janela, via Phillip e Aaron a brincarem juntos, e o seu coração enternecia-se.

Ela não sabia que, muitas vezes, Phillip fazia o mesmo. Porque se apaixonara por ela, tanto quanto ela por ele. Ele receava dizer-lho, não fosse ela deixá-los. Ela também temia dizer-lho, não fosse ele mandá-la embora.

Mas, um dia de primavera, sob o arco de uma cerejeira em flor, enquanto o menino que ambos amavam brincava no baloiço, Phillip pegou na mão de Lucia e beijou-a.

Quando as folhas das árvores se cobriram dos tons vivos do outono, casaram. E foram felizes para sempre.

Seria estranho, perguntou-se Emma, conduzindo a carrinha para a atravancada rampa dupla da casa dos pais no domingo à noite, que ela tivesse nascido uma romântica? Como poderia alguém crescer com uma história assim, com pessoas assim, e não desejar um pouco do mesmo para si? Os pais amavam-se há vinte e cinco anos, tinham criado quatro filhos na grande e antiga casa vitoriana. Tinham aí construído uma boa vida, sólida e duradoura.

Ela não pretendia aceitar menos que isso.

Tirou da carrinha o arranjo de flores que fizera e apressou-se para o jantar de família. Chegava atrasada, mas já os avisara. Com a jarra aninhada na dobra do braço, abriu a porta e entrou numa casa saturada das cores sem as quais a mãe não podia viver.

Ao atravessar a casa para a sala de jantar, entrou num ambiente barulhento e tão colorido como as tintas e os tecidos.

À mesa estavam os pais, os dois irmãos, a irmã, as cunhadas, o cunhado, os sobrinhos e sobrinhas — e comida suficiente para alimentar aquele pequeno exército.

— Mamã. — Dirigiu-se primeiro a Lucia e beijou-lhe a face antes de pousar as flores e dar a volta à mesa para beijar o pai. — Papá.

— *Agora* temos um jantar de família. — A voz de Lucia conservava o calor e a musicalidade do México. — Senta-te antes que estes porquinhos comam tudo.

O sobrinho mais velho grunhiu, imitando um porco, e sorriu quando Emma se sentou a seu lado. Pegou na travessa que Aaron lhe passava.

— Estou esfomeada. — Acenou afirmativamente quando o irmão Matthew ergueu a garrafa de vinho. — Falem todos para eu me pôr a par das notícias.

— Primeiro, as grandes novidades. — Do outro lado da mesa, a irmã, Celia, pegou na mão do marido. Antes que ela pudesse continuar, Lucia soltou um grito de felicidade.

— Estás grávida!

Celia riu.

— Já não é surpresa. Eu e o Rob estamos à espera do terceiro, e último, para novembro.

Choveram os parabéns e a mais pequena da família bateu entusiasticamente com a colher na cadeirinha alta, enquanto Lucia saltava da cadeira para abraçar a filha e o genro.

— Não há notícia mais feliz que a de um bebé. Phillip, vamos ter mais um bebé.

— Cuidado. A última vez que me disseste isso, chegou a Emmaline nove meses depois.

Com uma gargalhada, Lucia foi pôr os braços em volta do pescoço do marido e encostou a bochecha à dele.

— Agora os nossos filhos fazem a parte difícil do trabalho e para nós é só a parte divertida.

— A Emma ainda não fez a parte dela — notou Matthew, erguendo as sobrancelhas para a irmã.

— Está à espera de um homem tão bonito como o pai, e menos chato que o irmão. — Lucia arqueou as sobrancelhas para Matthew. — E esses não crescem nas árvores.

Emma dirigiu ao irmão um sorrisinho de superioridade e cortou a primeira fatia de lombo de porco assado.

— Ainda estou só a passear pelos pomares — disse docemente.

Demorou-se atrás dos outros para dar um passeio pelos jardins com o pai. Aprendera tudo sobre flores e plantas, e começara a amá-las, sob a sua orientação.

— Que tal vai o livro? — perguntou-lhe.

— Uma porcaria.

Ela riu.

— Dizes sempre isso.

— Porque, nesta fase, é sempre verdade. — Ele pôs-lhe um braço em torno da cintura. — Mas os jantares de família e cavar a terra ajudam-me a pôr a porcaria de lado algum tempo. Depois, quando volto a ele, descubro que afinal não era tão mau. E tu como estás, menina bonita?

— Estou bem, mesmo bem. Temos muito trabalho. Tivemos uma

reunião no princípio da semana porque os lucros estão a aumentar, e só consegui pensar em como éramos sortudas... como eu sou sortuda, por fazer o que gosto, e logo com as melhores amigas que já tive. Tu e a mãe sempre nos aconselharam a descobrirmos o que amávamos, pois assim trabalharíamos bem e felizes, e eu fi-lo.

Virou-se quando a mãe atravessou o relvado com um casaco.

— Está frio, Phillip. Queres apanhar uma constipação, para eu depois ter de ouvir as tuas queixas?

— Descobriste o meu plano. — Deixou que a mulher o embrulhasse no casaco.

— Ontem vi a Pam — contou ela, referindo-se à mãe de Carter. — Está tão entusiasmada com o casamento! Para mim também é maravilhoso, ver duas das minhas pessoas preferidas apaixonarem-se. A Pam foi sempre uma boa amiga, e defendeu-me quando algumas pessoas ficaram escandalizadas por o teu pai casar com a empregada.

— Não perceberam como eu fui inteligente, por ficar com o trabalho todo feito... de graça.

— O iaque prático. — Lucia encostou-se a ele. — É um negreiro!

*Olhem só para elas*, pensou Emma. *Como estão bem um para o outro.*

— O Jack disse-me outro dia que te achava a mulher mais bonita que já tinha visto, e que aguardava uma oportunidade de fugir contigo.

— Lembra-me de lhe dar uma sova a próxima vez que o vir — disse Phillip.

— Ele é um encanto. Acho que te farei lutar por mim. — Lucia ergueu o rosto para Phillip.

— Que tal, em vez disso, uma massagem aos pés?

— Combinado. Emmaline, quando encontrares um homem que te faça uma boa massagem aos pés, tem atenção. Há muitos defeitos que são compensados por essa única capacidade.

— Não me esquecerei. Entretanto, tenho de ir. — Abriu os braços para os abraçar a ambos. — Amo-vos.

Emma olhou para trás enquanto se afastava e viu o pai pegar na mão da mãe sob o arco da cerejeira, cujos rebentos estavam ainda bem fechados.

E beijou-a.

Não, não era de surpreender que fosse uma romântica nata. Não era de surpreender que quisesse aquilo, ou parte daquilo, para si mesma.

Entrou na carrinha e pensou naquele beijo na escadaria das traseiras.

Talvez fosse apenas sedução ou curiosidade. Talvez fosse química. Mas o diabo é que fingiria que não acontecera. Ou que o deixaria fingir.

Chegara a hora de lidar com aquilo.